

PARO

72



Carla Prata

Periodicidade
Bimestral
Depósito legal
272758/08
Registo ERC
125392
Edição
Conforto Moderno Uni, Lda.
NIF
508 399 289
Propriedade
Conforto Moderno Uni, Lda.
Rua Quirino da Fonseca, 25 - 2ºesq.
1000-251 Lisboa, Portugal
Telefone
00351 218 473 379

Impressão
Suspensa. Disponível edição on-line.
Distribuição
Conforto Moderno Uni, Lda.

Director
Francisco Vaz Fernandes
francisco@parqmag.com
Editor
Conforto Moderno
Design
Valdemar Lamago
www.valdemarlamego.com

Textos
Adriana Veríssimo Silva
António M. Barradas
Beatriz Nascimento
Carla Carbone
Carlos Alberto Oliveira
Filomena Silvano
Francisco Vaz Fernandes
Lara Mather
Manuela Marques
Maria São Miguel
Patrícia César Vicente
Rafael de Sousa Vicente
Rafael Vieira
Rita Ramos
Roger Winstanley
Sara Madeira
Sara Valente
Sofia Seixo Garrucho
Titus

Fotos
Bernardo Casano
Francisco Hartley
Guilherme Lucas
Isabella Glock
João Barreiros
Ptter Venturin
Sébastien Navosad

Ilustração
Nicolae Negura

Styling
Ana Silva
Mauro Osório
Sara Novais
Sara Peterson
Teresa Silva
Tiago Ferreira

www.parqmag.com
facebook
instagram
youtube

/parqmag
/parqmag
/parqmag

A reprodução de todo o material é expressamente proibida sem a permissão da PARQ. Todos os direitos reservados. Copyright © 2008 – 2021 PARQ.



fotografia João Barreiros @joobarreiros.pdf
prod. e styling Sofia de Carvalho @sofidocarvalho

casaco Bomber Dunbrooke calças e polo
Fred Perry sapatos Steve Madden



fotografia João Barreiros @joobarreiros.pdf
styling Tiago Ferreira

puffer Krisjoy calças Jil Sander tudo na Stivali

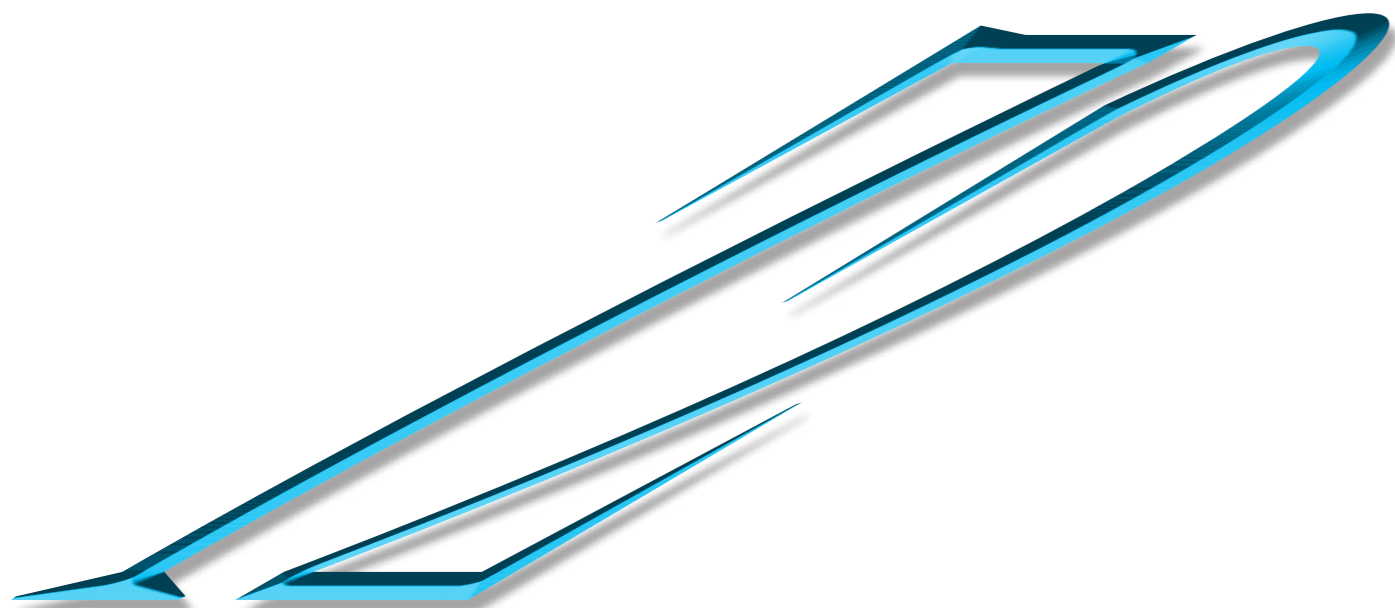


MERRELL

Faz o teu caminho.

Wrapt





GOU MUSC

- 06 Não te Acalmes, Larry
- 08 Vizinhos
- 09 Glória
- 10 Mona Kuhn
- 18 Cum Laude -Rita GT
- 24 Oficina Marques
- 32 Fuse Valley
- 36 Rooftop Republic
- 38 Upcycling
- 44 Fora de Jogo-João Januário
- 52 Roots
- 62 ITS
- 72 Next Generation
- 73 Chaild
- 74 Beleza
- 76 Sneakers

SOUNDSTATION

- 86 Damon Albarn

CENTRAL PARQ

- 88 Carla Prata
- 94 Alessandro Di Giampietro
- 102 Policromia
- 106 Duarte Melo
- 116 Uniformização
- 122 2021: A Outra Odisseia no Espaço

FASHION EDITORIAL

- 128 Isaac Alfaiate
- 140 Casa Loewe
- 148 I put a spell on you
- 168 Sad Party

PARQ HERE

- 180 Maison Loewe
- 182 The Ivens Hotel & Rocco
- 183 Dhalia
- 184 Casa Loewe Dinner Party
- 186 Equilibrismo de Opiniões



GANNT
FOOTWEAR

O bilhete dourado para viajar sem sair do sítio

NÃO TE ACALMES, LARRY

texto António Barradas

Há uns tempos largos (ainda não éramos nós Zorros bocais) fizeram-me uma pergunta que me ficou a remexer com os esquilos roliços, aos quais chamo neurónios. “Se pudesses escolher uma personalidade, quem levarias para jantar?”. Confesso que este tipo de pergunta sempre me causou alguma urticária. Uma exigência de quem questiona em saber ali, naquele segundo, algo nem sequer equacionado num duche mais demorado. Surgem números, cores, cheiros, mas pessoas?! Personalidades?! Alguém? Deixei-me cair num marasmo pautado por “hmmmmms” intermináveis, que serviam de energia (sustentável, claro!) à minha demanda.

Surgiram-me escritores, cantores, jogadores de futebol, filósofos, cozinheiros, mas nenhum deles era a pessoa certa para degustar uma refeição com. Nem na tasca, com nódoas de vinho em toalhas de papel; nem em restaurantes cujo set de talheres é mais numeroso do que a minha conta. Nós somos portugueses, ora, comer é o verbo mais parecido com rezar para um ateu. Damos trincas nas gargalhadas, falamos de refeições passadas e vamo-nos lambuzando com histórias trocadas entre uma garfada e outra.

Algumas divagações depois, lá me surgiu um nome: LARRY DAVID. “Quem?”, foi a resposta do interlocutor. Após esta interjeição em formato de pergunta, veio outra: “Porquê?”. Nenhuma delas me satisfaz, mas não lhe podia tirar assim o pão da boca (comida novamente!).

O motivo não é simples, mas reside no facto de existir uma relação quase simbiótica ao nível do humor. Alguns podem chamar-lhe admiração, não julgo, mas é mais no seguimento do: “Diz-me do que ris e rir-nos-emos juntos”. Não é assim que tudo começa? Seria possível partilharmos uma travessa de caracóis com alguém cujo interesse humorístico? Não.

Há algo no LARRY DAVID a fazer-me, constantemente, apontar para o ecrã e dizer “é isto mesmo! Penso exactamente da mesma forma! Como é que possível isto estar a acontecer e mais ninguém reparar? Que situação irritante! Faz todo o sentido, pois claro”. Na série biográfica *Curb Your Enthusiasm* (ou se preferirem a

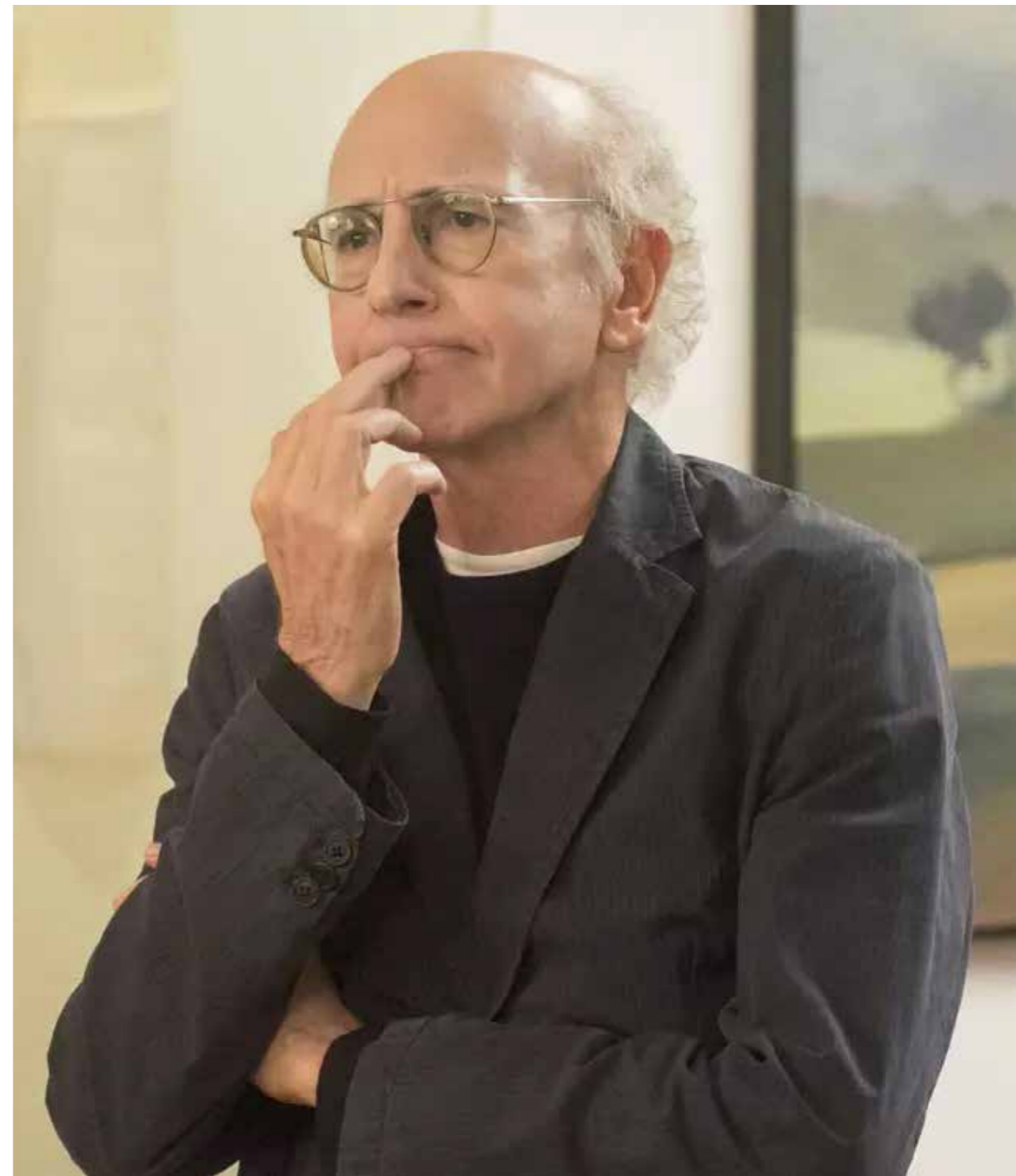
tradução exímia: *Acalma-te, Larry!*), a personagem principal, Mr. David, vai amontoando peripécias e visando situações trágico-cómicas do quotidiano. É uma padronização e escrutínio do comportamento humano e das reacções em cadeia geradas por acasos, aparentemente, esquecíveis.

Quer sejam pessoas que deixam cair coisas sem as apanharem, maus gestores de conversa em jantares de amigos ou pessoas que não ficam na fila para repetir em buffets. Uma panóplia de situações hilariantes e bem relacionáveis que nos são atiradas em catadupa e nos fazem criar uma relação quase sensorial com LARRY. Um amor-ódio saudável, aliado a um azar cíclico da personagem principal, com o qual me identifico em vários por cento.

São abordadas situações peculiares pelas quais todos já passámos, expostas com um humor sagaz, irónico e mordaz. Já o havia eternizado em *Seinfeld*, sitcom na qual também se representou, e fá-lo há 20 anos em *Curb Your Enthusiasm*. São horas sem fim baseadas em pormenores hilariantes. Isto tudo sem perder a sua intransigência, desconforto crónico ou insatisfação diária. É aqui onde nos cruzamos.

LARRY DAVID é um génio do humor. Ri-se de menos, faz rir de mais e toca nas feridas todas até elas abrirem e as olharmos de frente. Faz falta este humor mais corrosivo, carregado do banal e corriqueiro. É preciso dar azo à genialidade, para fazer rir de forma tão simples e carregada de sentido.

Posto isto, parece-me claro como a água calcária a correr nos canos: vou já marcar mesa no Solar dos Presuntos.



Três Andares,
de Nanni Moretti

VIZINHOS

texto Rita Ramos

O cineasta italiano NANNI MORETTI habituou-nos a filmes subtis e reais. Depois do grande sucesso do *Quarto do Filho* em 2001 que recebeu a Palma de Ouro no Festival de Cannes, o realizador brinda-nos este ano com um filme dividido em 3 histórias que se cruzam de forma frágil. *Tre Piani*, ou *Três Andares* (título em português), baseado no romance do escritor israelita ESHKOL NEVO, é um filme dramaticamente delicado que foge à lágrima fácil e à tristeza gratuita. A cena inicial deixa-nos logo antever que a ação se desenrolará como um novelo de lã grossa. Andrea, o filho delinquente de um casal de conceituados juizes atropela mortalmente uma mulher ao tentar desviar-se de Mónica, uma vizinha sua que está em trabalho de parto e que sozinha espera um Uber para a levar ao hospital. Na sequência do atropelamento despista-se e o seu carro destrói a parede do escritório do casal Sara e Lúcio, também eles seus vizinhos. Um prédio com 3 andares na Roma de classe média alta. Cada andar alberga uma família e cada família alberga uma dor disfarçada de quotidiano.

Na espuma dos dias, estas 3 famílias vão-se expondo ao mundo e nesta exposição há o embate do que se deseja e do que se recebe. Um casamento longo e conservador posto à prova por um filho inseguro e pressionado pelo perfeccionismo dos próprios pais. Um jovem casal cuja filha pequena passa por uma situação traumática e pouco clara, situação essa que absorve toda a família para uma dinâmica nervosa e atrapalhada. Uma mãe em puerpério, cujo marido trabalha longe e que se vê em luta desigual com os seus fantasmas. Esta trilogia é a base deste extraordinário enredo que se prolonga por 10 anos na vida das personagens. As crianças crescem, os velhos morrem, os segredos são descobertos e as paixões moribundas são reanimadas. A fotografia é honesta e a banda sonora acompanha de forma fiel as imagens. Sem grandes caracterizações nem cenários caros, *Tre Piani* é uma viagem intensa, mas ao mesmo tempo calma, aos sentimentos que nos são mais fortes como o amor ou o medo. Um filme de duas horas que não desilude e que nos espanta pela sua realidade.

Um grande passo para o mundo
audiovisual português

GLORIA

texto Lara Mather

A primeira série portuguesa chegou finalmente à Netflix e não desapontou! Estreou dia 5 de Novembro com um elenco repleto de caras conhecidas como MIGUEL NUNES, CAROLINA AMARAL, ADRIANO LUZ, JOANA RIBEIRO, VICTÓRIA GUERRA, AFONSO PIMENTEL, MARIA JOÃO PINHO, INÊS CASTEL-BRANCO, ALBANO JERÓNIMO, entre outros brilhantes atores e atrizes portugueses. *Glória* é apenas o primeiro passo de demonstração do talento que Portugal tem no mundo do audiovisual e do muito que pode trazer para a Netflix. Criada por PEDRO LOPES e realizada por TIAGO GUEDES, *Glória* passa-se nos anos 60 na vila de Glória no Ribatejo, no auge da Guerra Fria, em que seguimos um espião de nome João Vidal que vai trabalhar para a estação de transmissão de rádio Raret, uma organização norte-americana que transmite propaganda anticomunista para o bloco de leste. Em pleno regime ditatorial, e no meio de conflitos entre os Estados Unidos e a União Soviética, João é agente da KGB e informador da PIDE, vivendo uma “vida dupla”, uma pequena amostra de como Portugal foi em tempos o paraíso da espionagem.

Espionagem, amor, traição, família, guerra, segredos, lealdade, tradição são todos temas altamente presentes nesta série pois para além de vermos a vida que leva a nossa personagem principal, vemos a dura realidade do que significava ser mulher na altura e de como a guerra colonial desmembrou tantas famílias portuguesas.

Intrigante desde o primeiro episódio, é de relevar a atenção ao detalhe no que toca a direção de arte com figurinos de época, um trabalho imaculado, e a belíssima cinematografia com planos e enquadramentos perfeitos, uso de travellings. O primeiro acompanhamento do carro logo no primeiro episódio seguido do título disse-me que a série ia ser de alta qualidade e rigor, que é um produto Netflix. A banda sonora de BILL CONTI apesar de não ser original para a série traz a atmosfera certa ao plot. Dez episódios que deixam o espetador a chorar por mais, *Glória* pinta um retrato perfeito do Portugal daquele tempo, envolvendo-nos na história e nas relações das personagens num ambiente altamente político. Recomendo esta série que é um autêntico thriller e que é prova de que o que é português merece ser visto.





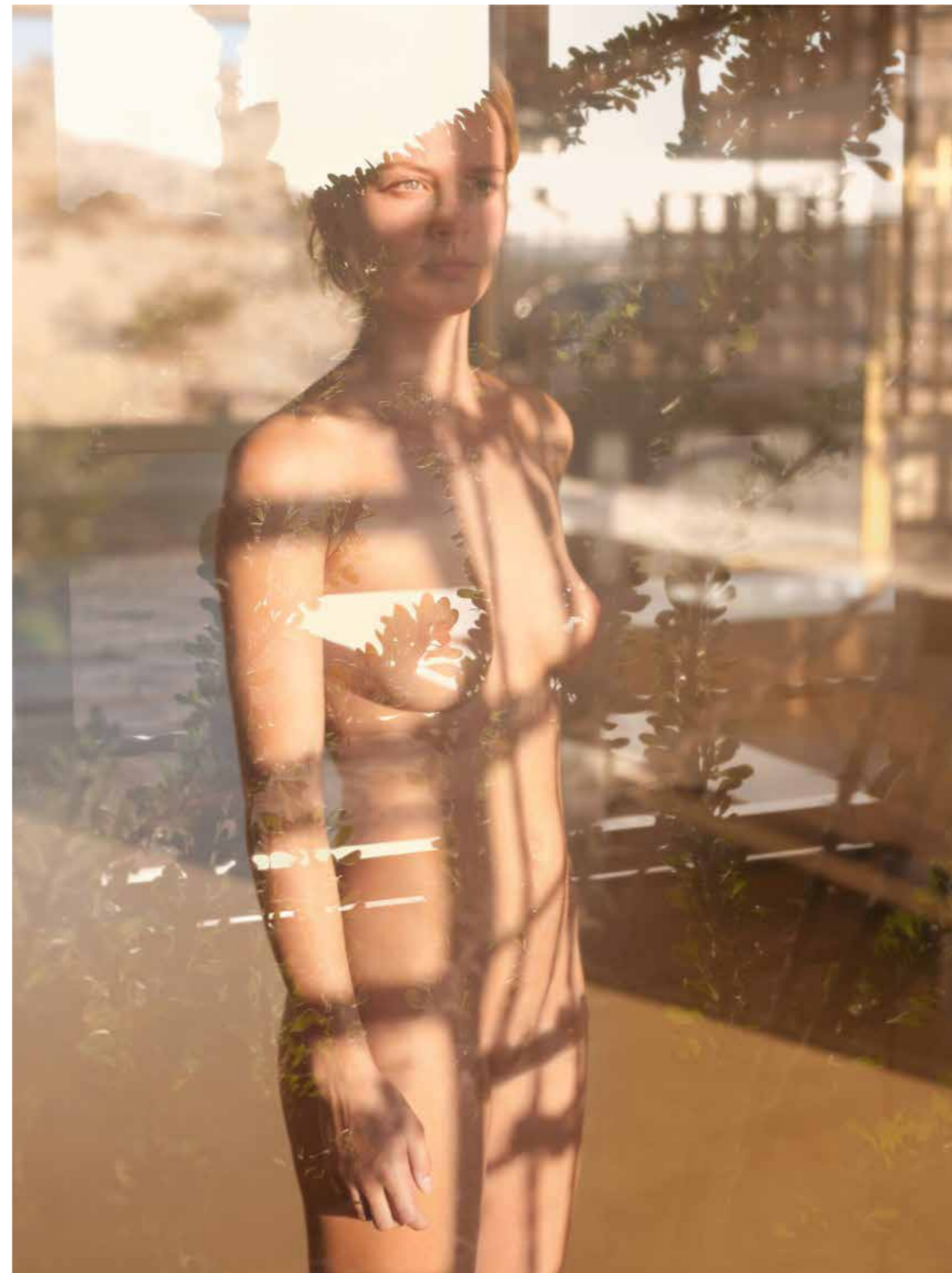
Toda a fotografia, na relação que estabelece com o espectador, desperta um lado voyeurista. A fotografia, nesse caso, é uma janela e o voyeur é sempre aquele que sendo exterior, espreita. Esse elemento que nem sempre é tão consciente na experiência do meio fotográfico e que socialmente é censurada, aparece explorado sem pudor nas fotografias de MONA KUHN, artista brasileira que tem tido um grande reconhecimento internacional. A sua fotografia aproxima-se de uma temática clássica a que podemos chamar o nu artístico. Ao contrário dos exercícios que encontramos dentro deste género, cujo o foco, em geral, é produzir um certo grau de erotismo, as fotografias de MONA KUHN destacam-se por uma natural candura assexuada. É precisamente essa naturalidade com que revela os corpos, que nos transmite um certo grau de indiscrição. A sua forma de captar faz com que os indivíduos fotografados estejam sempre do outro lado e, muitas vezes, essa fronteira é dada por uma janela. Ou seja, a sua fotografia amplia esse sentimento de um espectador exterior, um espectador que espreita um corpo nu que prende o seu olhar. Pode até levar o espectador ao ponto de questionar a culpa desse olhar.

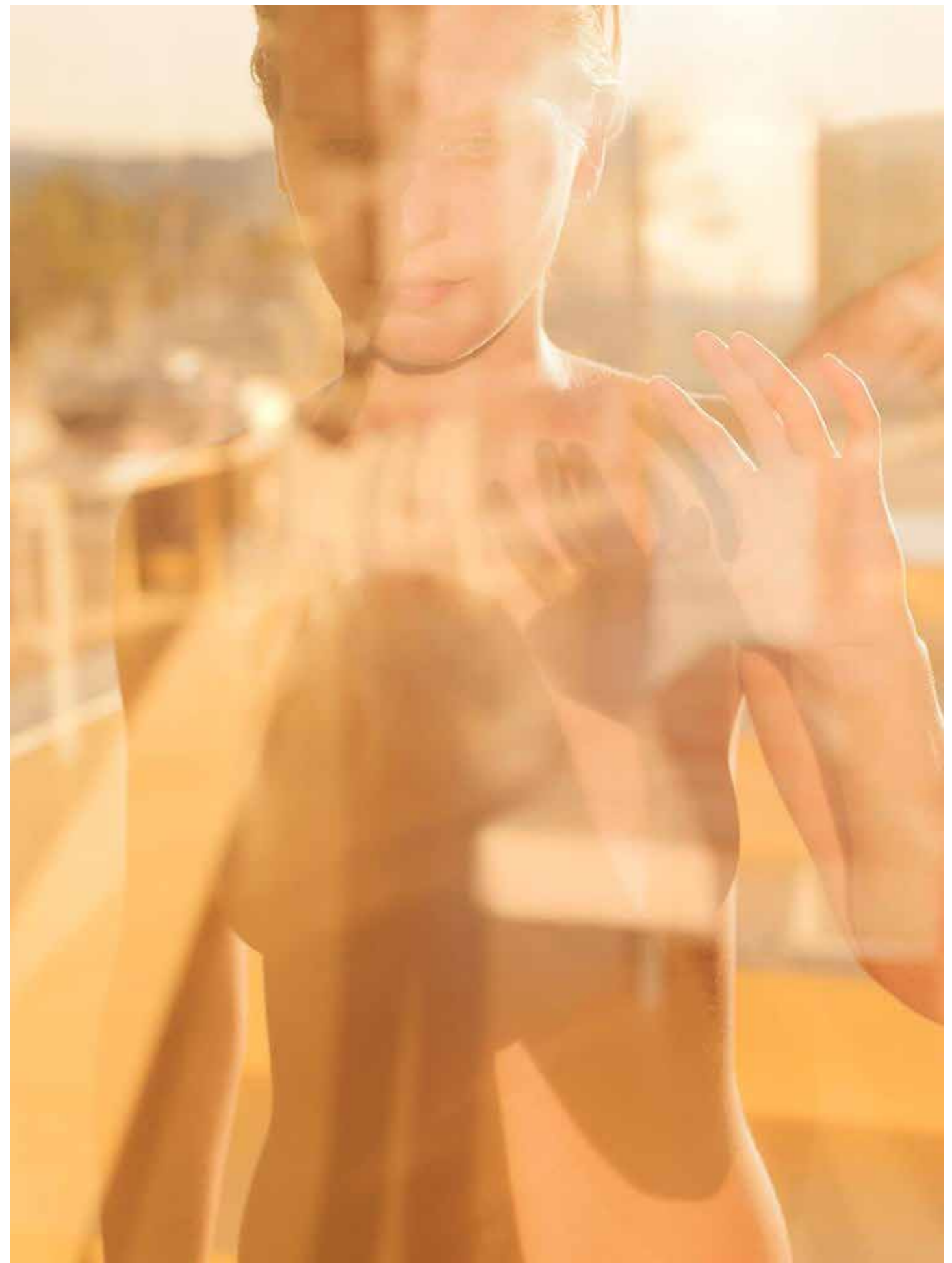
A partir da sua série *Evidence*, 2005, quando a sua fotografia começa a ganhar maior maturidade, grupos de pessoas nuas aparecem com mais frequência nas suas imagens. São fotografias encenadas em que os vários indivíduos adultos presentes na imagem, parecem simular laços de familiaridade, ou, pelo menos, um certo sentimento de comunidade. Contudo, KUHN fixa barreiras que faz com que os objetos fotografados, os corpos nus, não apareçam na sua maior clareza. Esses corpos são intercedidos por vidros de janelas, que tanto deixam ver como disfarçam, criando, zonas mais opacas, no conjunto do campo

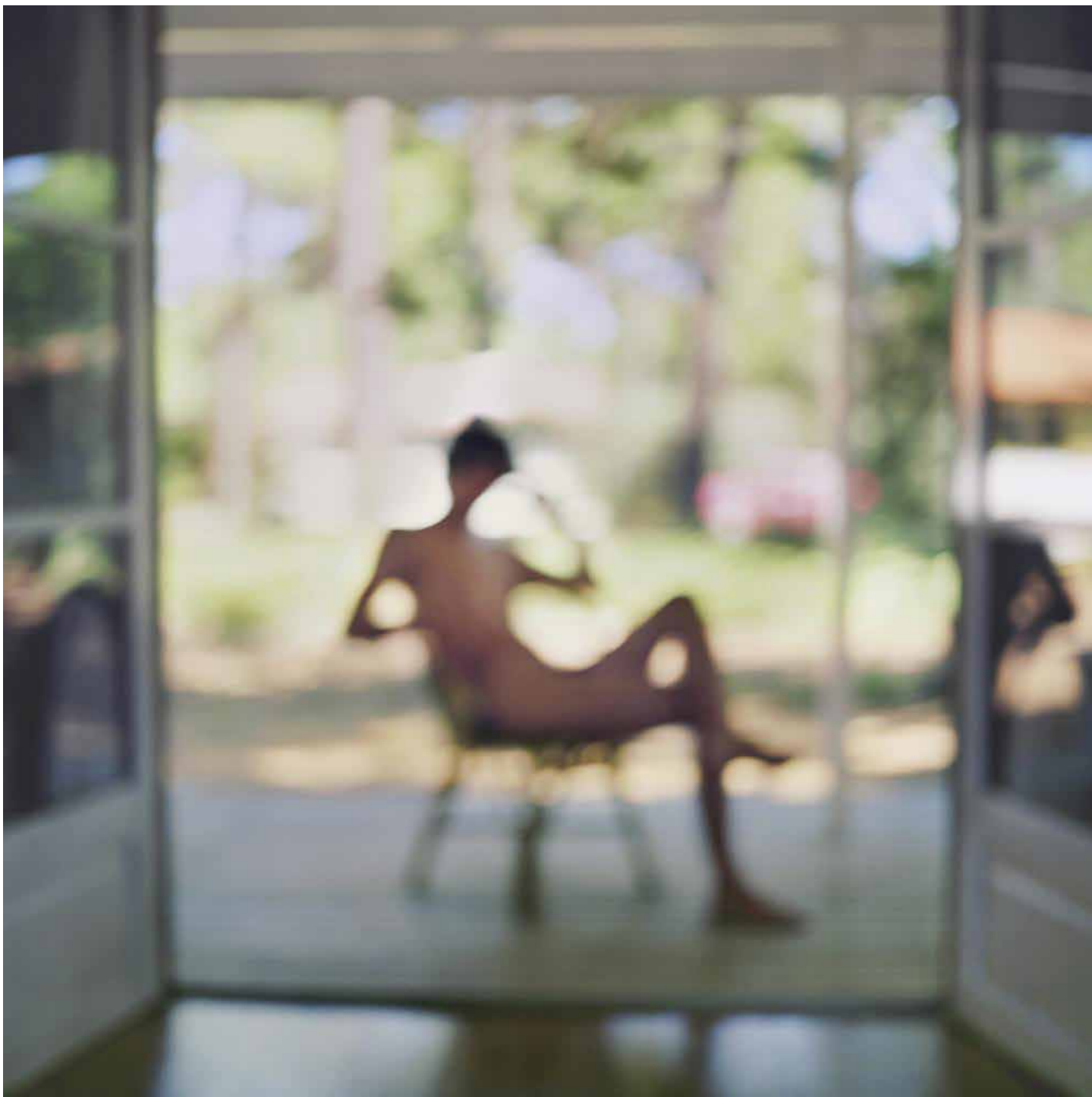
visual. Também a partir das lentes fotográficas, manipula pontos de focagem e traz elementos que ganham maior clareza em relação a outros. Podemos encontrar em primeiro plano ou com maior nitidez pontos que o espectador não iria estabelecer como prioritários, numa primeira impressão. Por vezes, é um ramo de flores que aparece em primeiro plano e que deixa em desfoco um cena familiar e todos os elementos nus aparecem desfocados. São situações que não acontecem por um sentimento púdico mas para reforçar a ideia de planos e teatralizar o conjunto, como mais tarde abordo.

Nas imagens de KUHN há um certo idealismo de uma sociedade mais próxima da natureza. As suas encenações fotográficas na verdade não são muito diferentes daquilo com que nos deparamos nos parques naturistas durante a estação estival. Grupos de pessoas nuas em momentos de lazer. Contudo, não encontramos aqui um retrato realista, nem a exploração de aspetos caricatos, o que afasta a sua fotografia de uma perspetiva documental. A falta de realismo das suas imagens afasta qualquer ideia de reportagem fotográfica. As imagens obedecem a uma encenação que se constrói segundo um plano ideal, a perspetiva que o fotógrafo quer construir. A esse propósito é interessante comparar a sua obra fotográfica com a de SALLY MANN que ficou igualmente conhecida por apresentar grupos de indivíduos nus em cenários idílicos. Para a fotógrafa Norte-Americana, a sua família, a sua casa nos confins do Texas e o seu quotidiano, tornaram-se o seu principal objeto fotográfico. SALLY ao documentar o seu ambiente familiar, indivíduos nus, adultos e crianças mergulhados numa natureza profunda, parece reconstruir a ideia de uma

sociedade que regressa a um estado idílico, algo primordial. Há nas suas imagens uma aproximação a um ideal de pureza que é alicerçado no imaginário popular da chegada dos pioneiros americanos, um dos mitos fundadores dos EUA. De certa forma não é muito diferente da visão ideal de um homem branco, que está na base do apoio a Donald Trump. Nesse sentido, as imagens de SALLY MANN remetem-nos para o ilusionismo que a fotografia consegue criar. Já as imagens de KUHN, estão no hemisfério oposto. A fotógrafa de São Paulo revela o lado de artifício que cada uma das suas imagens contém. O que se vê, o que se pode mostrar, o que se subentende, tudo é premeditado num exercício de composição. Há algo de teatral na construção das suas imagens. Por tudo isso KUHN ao contrário de MANN reitera que todo o naturalismo é uma reconstrução e nega esse lado ilusionista que a fotografia, eventualmente, pode criar.







CUM LAUDE

por RITA GT

texto Francisco Vaz Fernandes



Cum Laude
Exposição Rita GT

Movart
Rua João Penha, 14A r/c
Lisboa

Ter. → Sex.
14:00 → 18:30
Sab.
10:00 → 14:00

www.movart.co.ao

RITA GT, *Cum Laude*,
2021, Movart



Várias peças em cerâmica, um néon e um registo sonoro de canções populares compõem a mais recente instalação de RITA GT que decorre na galeria Movart e tem curadoria de ANA CRISTINA CACHOLA. O trabalho de RITA GT tem-se distinguido pelo recurso indiferenciado de vários meios, entre os quais a componente performativa. Mais que materializar um objeto de arte, projetar o seu virtuosismo e domínio em certas técnicas, o que interessa à artista é o alcance da mensagem que procura transmitir através das suas criações. Há sempre uma componente expressiva, uma mensagem alicerçada na sua experiência de vida enquanto artista e enquanto mulher. Por isso, quando olhamos em retrospectiva tudo o que tem desenvolvido, onde até incluiu a sua presença nas redes sociais, tudo pertence a um todo, porque se é indivíduo, mulher, mãe e artista todos os dias e em simultâneo. RITA GT não cria barreiras entre as várias circunstâncias do que pensa ser. Pelo contrário, procura quebrar os espartilhos que são impostos, e convida todos a descobrirem-se para além das barreiras a que os sujeitam. Esse é o espírito de renovação que procura inserir no seu trabalho.

Para RITA GT a arte acontece todos os dias, porque o seu gesto artístico é indissociável do quadro sociocultural em que se insere. Nesse aspeto, qualquer momento é um momento de arte e por isso todas as circunstâncias e materiais convocados tem o mesmo grau de pertinência. Nesta exposição podemos verificar que são convocadas referências eruditas, nomeadamente, elementos que nos remetem para a história da arte conceptual, mas ao mesmo tempo, também inclui elementos da cultura popular, referências que tocam o mundo do artesanato. O néon foi correntemente usado por artistas conceptuais em rota com o desejo da desmaterialização do objeto de arte, enquanto a cerâmica, por seu turno, no ponto oposto, remete-nos para as profundezas da materialidade humana, que foi ganhando localmente as mais diferentes expressões. As cantigas das cantadeiras do Vale no Neiva preenchem o espaço, e os seus lamentos atemporais são, ainda, o das mulheres hoje, e por isso sempre atualizados. Materiais, disciplinas, surgem no seu trabalho sem qualquer ideia de hierarquização e isso traduz-se num conflito latente com as estruturas

políticas e sociais vigentes. A organização social procura estabelecer categorias que são hierarquizadas e conseqüentemente alimentam barreiras, que no essencial, são o fundamento das relações de poder entre os indivíduos. O trabalho da artista passa por questionar e desregular a base dessas hierarquias. Nesse sentido, o seu trabalho é estabelecer relações entre elementos, que antes não eram visíveis e aparentemente possíveis.

No trabalho, de RITA GT há a negação de uma pureza ideal, um idealismo que se relaciona tradicionalmente com o universo masculino. Enquanto mulher, coloca-se certamente no campo oposto, num universo de impureza onde tradicionalmente se desenham as circunstâncias do feminino. Convocar todos esses valores para experiência de moldar o barro não podia ser mais sugestivo. Leva a artista a uma ideia de continuidade, coloca-se num tráfico que vem dos primórdios e a conduz até aos dias de hoje, moldando uma identidade que se vai produzindo. As formas que faz nascer do barro estabelecem então uma conexão com vozes de um mundo arcaico do qual apenas repete o gesto, um registo sensual e fecundo que tem com a matéria. Daí que conceba formas simples que nos remetam para totens. Ver o seu conjunto ao som das Cantadeiras do Rio Neiva, ganha uma certa solenidade.

Este universo ideal construído a partir de binómios, homem-mulher, pureza-mácula é ainda revisitado na terceira elemento que compõem esta instalação. O néon constituído pela palavra, *Cum Laude* é bem o exemplo do embaraço irónico que a artista provoca no contexto social onde circunda. *Cum Laude*, uma expressão latina que em geral refere-se a um grau de louvor, classificação corrente no meio académico, um universo essencialmente masculino, ganha aqui duas dimensões. Por um lado marca a provocação de se atribuir a si mesmo, um louvor, sem pedir licença ou aprovação das demais altas instituições. Por outro, enfatiza uma ironia provocada pelo duplo sentido que a palavra ganha na sonoridade do slang inglês. Remete-nos para um hino do prazer de viver porque em última instância para RITA GT, a arte deve e pode ser uma demonstração de vida.







A OFICINA MARQUES tem dois rostos, um casal que soube passar a cumplidade da esfera íntima para o lado profissional. GESO MARQUES iniciou a OFICINA MARQUES e JOSÉ APARÍCIO GONÇALVES, veio dar o empurrão final ao que dizem ser a necessidade de materializar e contar histórias com as próprias mãos. Juntos formam uma equipa que celebra os ciclos da vida, memórias, cicatrizes e segundas oportunidades, fazendo crescer um espaço que é um autêntico gabinete de curiosidades, quase inteiramente preenchido pelas suas criações. Incluem objetos criados a partir da reciclagem de madeiras ou outros materiais e colecionar materiais faz parte do seu processo. Nos últimos tempos entraram na cerâmica que é apresentada como a última novidade da oficina. A criatividade e a mestria manual que colocam na execução dos seus projetos é o que ressalta à primeira vista. Entrevistamos o GESO e o JOSÉ na sequência da abertura da sua exposição anual que nos trouxe o melhor que sabem fazer.

mecânica veio dinamizar e intensificar o próprio processo de criação.

Como foi a integração do JOSÉ, vindo de um universo mais conceptual. Como foi o choque?

OM: A integração foi progressiva e de grande aprendizagem para ambos, deu-se no momento em que o GEZO se estava a mudar para um espaço maior e com novas potencialidades, e o JOSÉ vinha com várias ideias e projetos, pois tinha acabado de terminar um mestrado em gestão cultural. Em todos os projetos há um tirar proveito das potencialidades de cada um, o que deixa tudo mais fácil já que temos valências diferentes que se complementam.

Como é que gerem o trabalho?

O que faz um ou outro se é possível distinguir?

OM: O nosso trabalho é planeado, isto é, apesar de haver muita espontaneidade no processo, nós definimos objetivos técnicos e conceptuais que procuramos desenvolver. O trabalho é muito plural, temos peças produzidas individualmente, umas pelo GEZO outras pelo JOSÉ, e cada vez mais trabalhos feitos a quatro mãos onde há um bom equilíbrio dos dois universos.

Como é que vêm o trabalho que fazem hoje coletivamente? O que é a OFICINA MARQUES actualmente?

OM: O trabalho coletivo veio trazer para os dois uma partilha de ideias, técnicas e experiências que acabam por conferir consistência e a sedimentar um corpo de trabalho numa linguagem muito própria e pessoal.

OM: Podemos dizer que hoje a OM é um projeto e um espaço de encontro de universos pessoais no qual, através de trabalho manual e artístico, nasce uma visão do mundo que celebra a vida. O nosso lema é "Tusa de Viver".

Quais foram os momentos chave do vosso crescimento?

OM: O nosso crescimento foi sempre muito orgânico, cheio de aprendizagem e momentos chave, em geral todas as exposições que fazemos são momentos importantes porque nos "obrigamos" a ir mais fundo no nosso processo de trabalho e a contar cada vez melhor a nossa visão do mundo.

Quais as temáticas que gostam de trabalhar e materiais que preferem?

OM: A vontade (Tusa) de viver é talvez a mensagem principal do nosso trabalho, e fazemos isso através da celebração da natureza (o mar e o

mato), o próprio corpo como espaço de experiências espirituais. Não podemos negar a influência que Lisboa, e o Bairro Alto, têm sobre nós. É a cidade que nos acolhe e nos permite desenvolver o nosso trabalho. É o centro e ponto de partida para estas nossas viagens.

O registo manual, qual a importância que dão a isso?

OM: O registo manual é talvez o cerne do nosso trabalho, por isso o nome escolhido para o projeto ser OFICINA. O facto das coisas serem feitas manualmente por nós, num mundo cada vez mais digital, é também uma forma de nos posicionarmos. Acreditamos e valorizamos muito o trabalho manual bem como a dimensão humana de quem cria com as próprias mãos.

Tendo já uma loja aberta ao público, porquê fazer uma exposição?

OM: É verdade que há uma permanente exibição das peças, mas fazer uma exposição anual é um prazer que dificilmente dispensamos, para além de nos ajudar a produzir há uma gratificação imensa de partilhar com as pessoas o nosso trabalho num evento que é sempre animado e de encontro.

O que diferencia a galeria do espaço de loja?

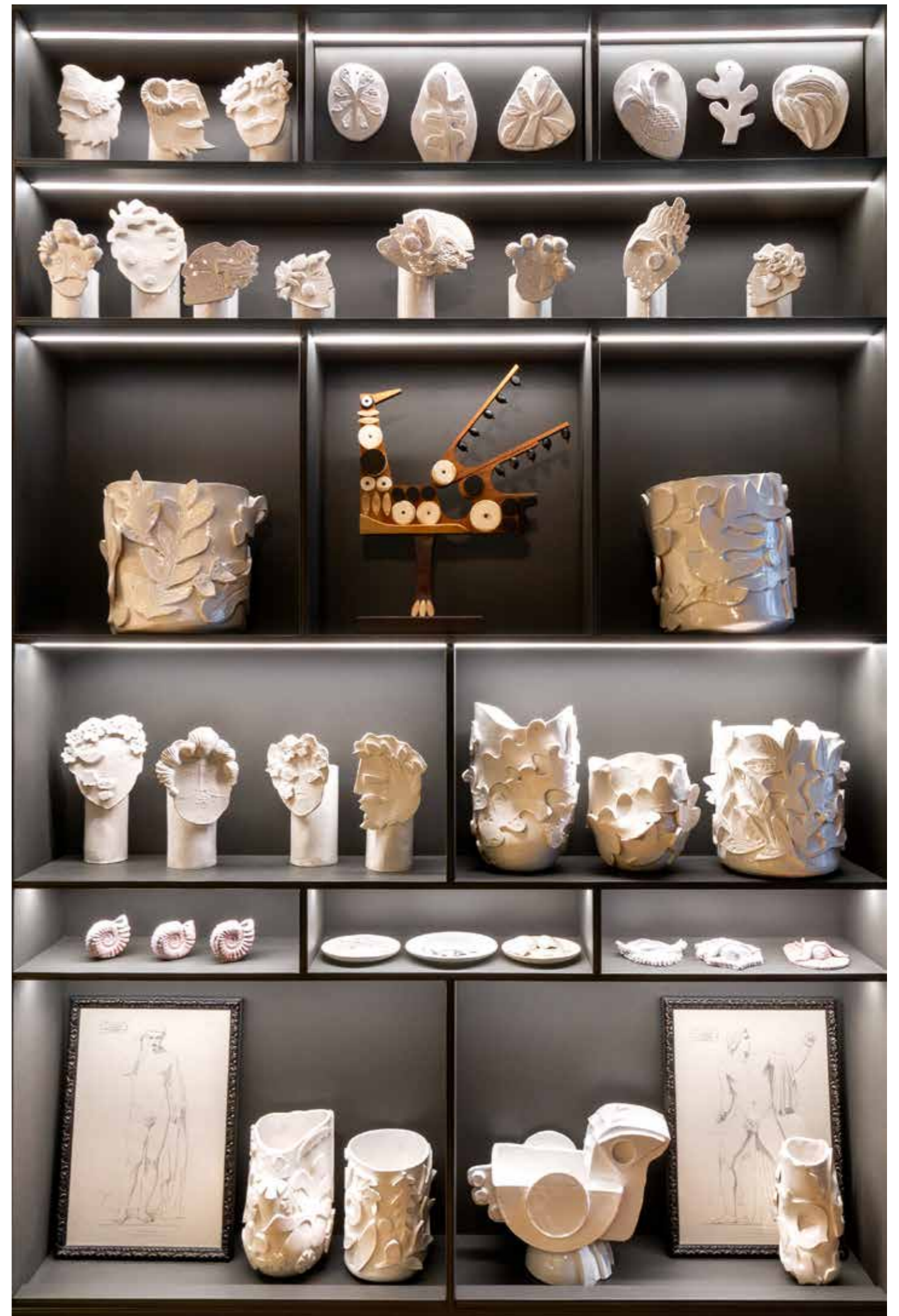
OM: Essa separação é essencialmente para ajudar a organizar o nosso espaço físico. A sala da galeria é um espaço mais mutante e de experimentação, o nosso livro em branco que podemos adaptar a cada exposição.

OM: A loja, devido ao seu mobiliário, acaba por ser mais constante e permite outro tipo de exposição, nela para além de expor as nossas criações fazemos uma curadoria de objetos que nos inspiram tal como num gabinete de curiosidades.

Como acontecem as encomendas?

OM: As encomendas que temos recebido tem acontecido de forma orgânica, de clientes que tem descoberto o nosso trabalho em hotéis, restaurantes e casas particulares. Neste momento temos recebido encomendas de Portugal e também de fora que nos desafiam a colocar a nossa técnica e visão ao auxílio de uma boa história e consequentemente num espaço único. Das encomendadas destacam se o desk para hotel JULES&JIM em Paris, a parede do HOTEL LA BELLE JULIETTE também em Paris, o cavalo em madeira para uma coleção particular no Dubai e alguns hotéis e restaurantes de Lisboa.







FUSE VALLEY

texto Adriana Veríssimo Silva

A FARFETCH, plataforma digital de moda de luxo, anunciou a construção de uma vila de moda na encosta do rio Leça, no Porto, a cargo da BIG, escritório mundialmente reconhecido e liderado pelo arquitecto dinamarquês, BJARKE INGELS. O local, apelidado *Fuse Valley*, vai ter 178.000 m², onde constam a implantação de 12 edifícios interconectados que irão incorporar os 3.000 funcionários da FARFETCH com sede em Portugal. Estão ainda previstas outras empresas e moradores locais virem a residir nesse complexo. Trata-se de um empreendimento sustentável que abrirá caminho para um futuro vale tecnológico que nascerá em Matosinhos nos próximos 4 anos. Com os seus topos completamente cobertos de vegetação, essa espécie de colina, transforma-se numa zona verde em harmonia com a envolvente, um parque quase na totalidade aberto ao público.

O escritório BIG, é um grupo que reúne arquitetos, designers, urbanistas com sede em Copenhague, Nova York, Londres e Barcelona. O escritório está atualmente envolvido em vários projetos por todo o mundo, porque tem apresentado através das suas construções soluções para novas formas de estar, conseguindo assim construções pragmáticas e completamente diferentes do comum. Um dos exemplos mais famosos dessa forma de conceber edifícios é o *Mountain Dwelling* em Copenhague. Assim, o novo *Fuse Valley*, combina o melhor do design e inovação, trazendo a Portugal um espaço único e sem dúvidas, interessante para se visitar.



www.big.dk



Quintas Urbanas
ROOFTOP REPUBLIC

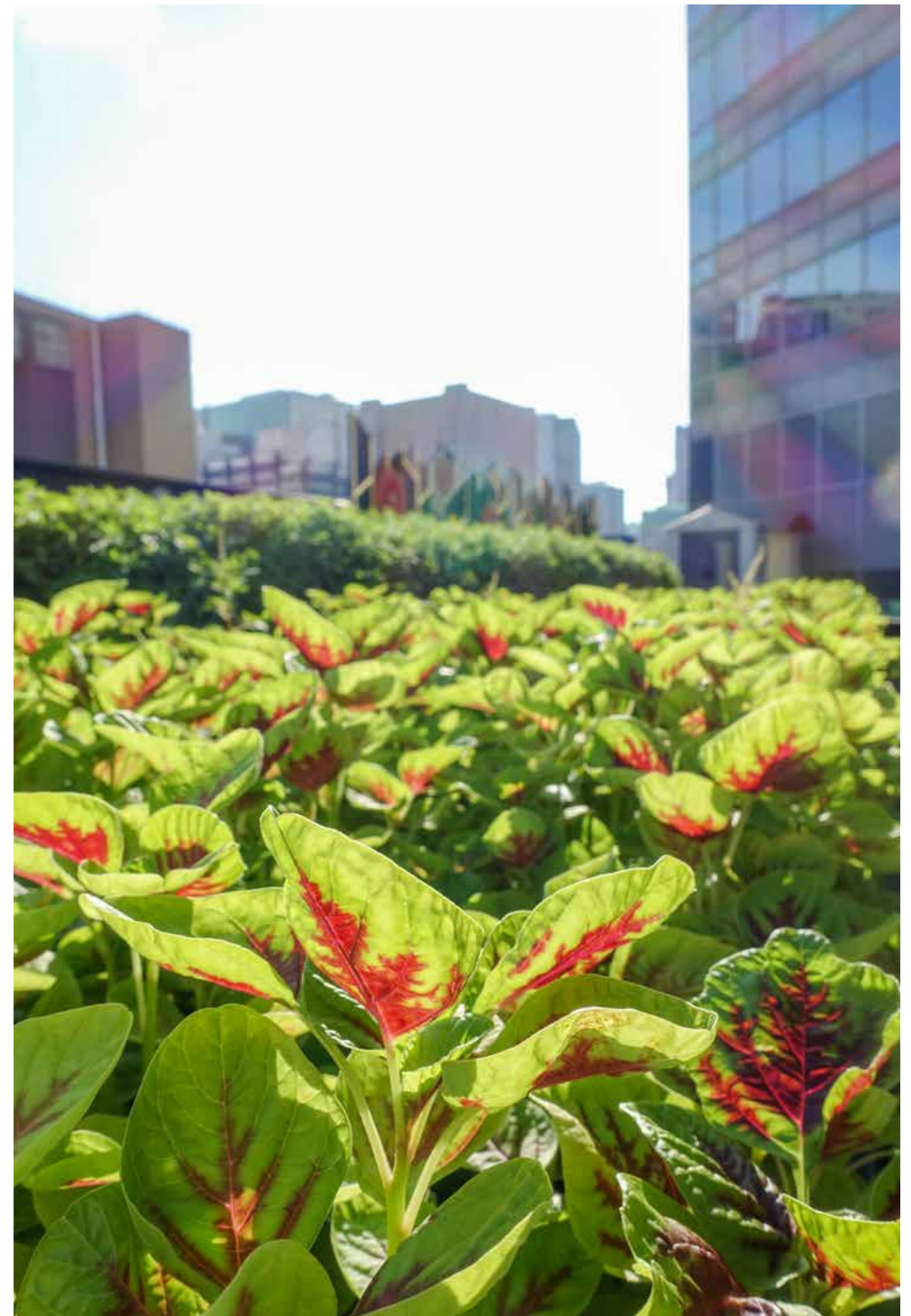
texto Rafael Vieira

Entre arranha-céus que disputam os céus, espaçados por ruas onde se aninham milhões de pessoas, a metrópole agiganta-se e faz multiplicarem-se os lugares sem uso, os não-lugares. Aqui surgiram os ROOFTOP REPUBLIC, em 2015, criados por ANDREW TSUI, MICHELLE HONG e POL FÁBREGA, de Hong Kong, Singapura e Barcelona, unidos pela frustração naquilo que identificam como «a crescente desconexão entre os habitantes da cidade e aquilo que consomem». Entre colossos de vidro e de metal, celebrações de vitória do capitalismo, encontram-se assim formas de amenizá-lo com a ascensão desta república de vegetais. Os ROOFTOP criaram e mantêm mais de 70 hortas urbanas em Hong Kong e em várias cidades chinesas, em locais improváveis da moldura urbana como heliportos, coberturas de centros comerciais, terraços públicos e outros. A ideia é desarmante na sua simplicidade, o momento o melhor possível; potenciam-se espaços perdidos, não utilizados, plantando leguminosas, aromáticas, bok choy, choy sum, espinafre chinês e outros vegetais que melhor respondem a este contexto específico, fixa-se carbono e promove-se a sustentabilidade.

www.rooftoprepublic.com



E os ROOFTOP cultivam sobretudo pessoas com este conceito, afirmando-se como «uma empresa social que antevê um futuro com cidades sustentáveis e comunidades alimentadas pelas hortas urbanas», colaborando com arquitectos e promotores, que procuram integrar as hortas nas suas coberturas. Tornam-se parte da paisagem, organismos vivos que dialogam com as estações, que interagem com o meio urbano e que providenciam às necessidades das gentes —de alimento, de verde, de paisagem. Cá chegarão.



UPCYCLING

texto Adriana Veríssimo Silva

O desperdício têxtil em moda tem sido um dos maiores problemas ambientais para o planeta desde o início dos anos 50 com o aumento do consumo. Os têxteis têm uma das mais baixas taxas de reciclagem, renovação ou re-uso no planeta. Consumimos enormes quantidades de roupa, sapatos, etc e doamos ou reciclamos muito pouco. No Reino Unido estima-se que cada agregado familiar deita fora 35 quilos de roupa por ano, sem se incluir os sapatos, acessórios, malas, entre tantos outros. E isto apenas no produto final, se formos a pensar no processo da própria criação das peças, temos muita mais quantidade de desperdício têxtil, os chamados deadstock —produtos danificados ou retalhos de tecido que sobra, que é normalmente queimado.

Práticas de reciclagem ou reaproveitamento (upcycling) têm um enorme potencial para melhorar e impulsionar uma grande mudança na indústria da moda, que tem sido muito pouco amiga do ambiente. Transformar uma toalha de mesa num top ou uma colcha da tua avó em um vestido, é o que o upcycling oferece, criatividade acima de tudo.

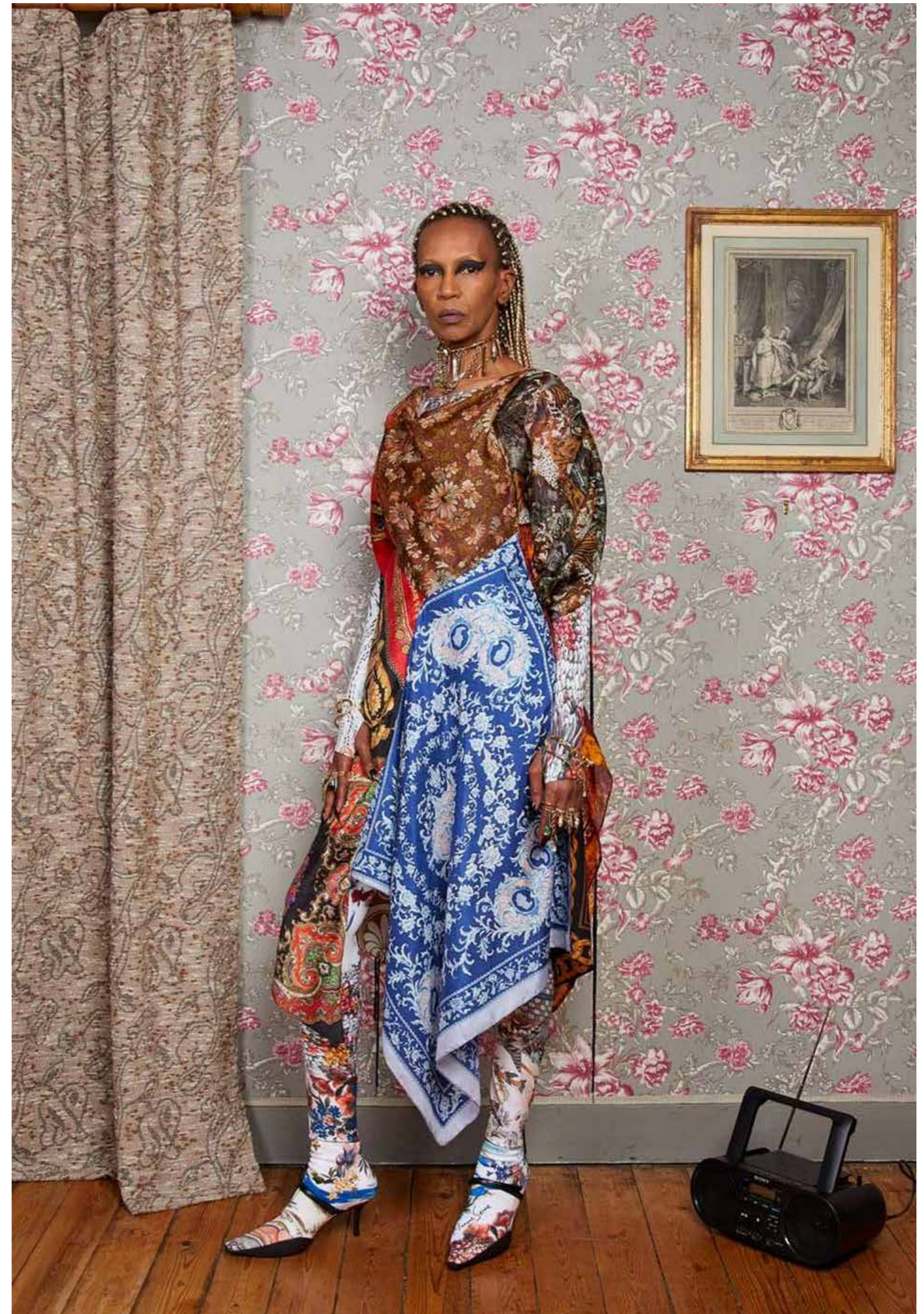
O upcycling já existe há imensos anos e ganha cada vez mais popularidade e é uma arma usada por marcas novas que se querem afirmar nesta indústria provando que tem uma maior consciência relativa as questões ecológicas do planeta. Não é uma problemática nova, foi mesmo um traço de diferença e de génio que marcou a criatividade de MARTIN MARGIELA nos anos 80, o primeiro criador a trazer para os desfiles de moda de Paris coleções inteiramente concebidas a partir da reciclagem de materiais. Aliás a sua coleção mais premium que chamava “artesanal” e que era uma resposta a ideia de Haute Couture, era sempre a que tinha um maior nível de reciclagem incluída. Daí surgiram vestidos criados a partir de luvas de cabedal antigas só para dar um exemplo. MARINE SERRE, parece ser a sua grande sucessora na atualidade. Verificamos que aplica as mesmas estratégias e até um imaginário comum se bem que várias décadas os separem. No caso português, *Béhen*, a jovem marca de JOANA DUARTE tem sido a que mais tem explorado o upcycling trazendo para os desfiles da Moda Lisboa peças criadas a partir da reciclagem do bordado português deixado pelos nossos avós.

Com tanta oferta e até uma nova iniciativa DYIs na internet, para a própria pessoa fazer, certamente não há desculpa para não experimentar e começar a deixar de lado a fast fashion.

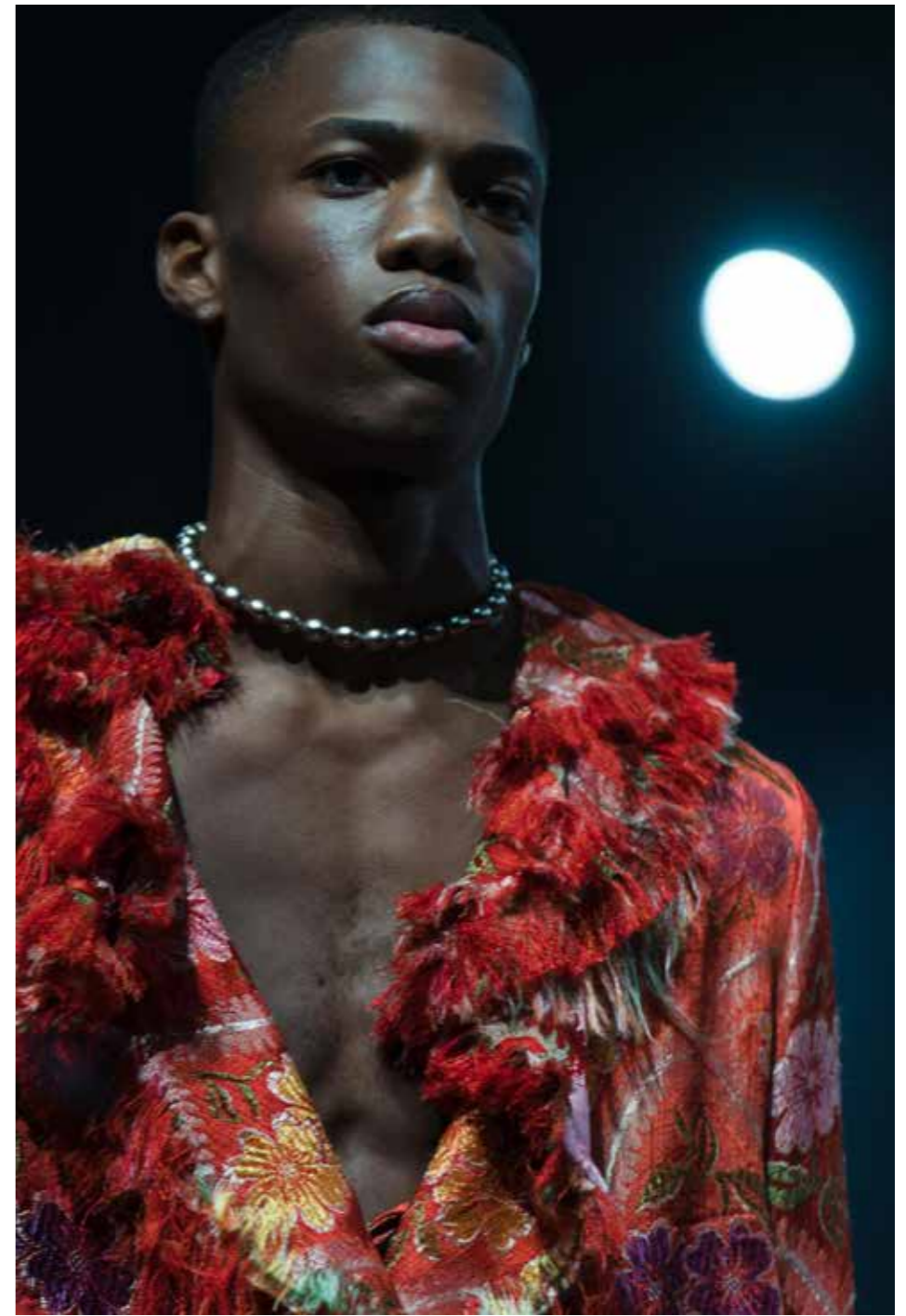


↑
MARTIN MARGIELA, 1989—2009, peças em exposição no Palais Galliera, Paris





↑
MARTINE SERRE,
lookbook da coleção SS22



↑
BÉHEN, imagens de desfile SS22 na
Moda Lisboa. ©Guilherme Lucas



JOÃO JANUÁRIO terminou o curso de Technical Fashion Design pela Escola de Moda de Lisboa em Julho de 2015, e entrou em jogo. Não com o seu projeto, mas com um conjunto de jogadas que se revelaram cruciais quando o *Fora de Jogo* nascia a Novembro de 2019. Nesse período, as suas experiências envolvem Portugal, França e Inglaterra, em marcas como LITORAL, REALITY STUDIO, ÉTUDES, CMMN SWDN, ALEXANDRA MOURA e MARQUES'ALMEIDA.

Outubro de 2020, trouxe a sua primeira coleção, SS21, a *Study Of Lost Objects*. A estreia na Moda Lisboa e o materializar do projeto colaborativo multidisciplinar que é o *Fora de Jogo*. É introduzida a ideia da reinterpretação de um objeto perdido e do seu peso na nossa identidade e comunidade.

Com a AW21 *Blurred Identities* a Março de 2021, JOÃO marca pontos. O resultado é a atribuição do prémio do Sangue Novo da Moda Lisboa ao projeto. O objeto surge de novo, e mantém-se coerente na sua relação exploratória com a identidade.

Na *Uni-Form Fdj X Tintex Ss22 Capsule*, estende-se a identidade à comunidade, numa análise do que poderá ser um uniforme, em confronto com os ideias de masculinidade frágil e tóxica. Uma coleção que abre campo a um pensamento mais profundo, em contacto continuo com o designer que nos leva gradualmente a conhecer mais de si e de nós próprios.

A conclusão inicial? Em três lances, JOÃO JANUÁRIO está tudo menos *Fora de Jogo*. E o que se segue não será certamente diferente. Um universo criativo, sem regras.



Como surge o design de moda na tua vida?

JJ: O design de moda surge de forma espontânea, o plano inicial era seguir arquitetura que é uma área que ainda hoje me interessa e inspira bastante. O meu avô era alfaiate, talvez o 'bichinho' tenha vindo daí mas sempre tive algum interesse em moda e quando estava a estudar Artes Visuais esse interesse foi intensificado e acabei por decidir parar esses estudos e mudar para Design de Moda.

Onde realizaste os teus primeiros estágios, e como correram os primeiros contactos com a área da moda? Sentiste alguma quebra de expectativa entre o que esperavas e o que encontraste? Os meus primeiros estágios foram logo após terminar o curso em Lisboa, segui para norte e estive nas marcas LITORAL e REALITY STUDIO, ambas com os estúdios no Porto.

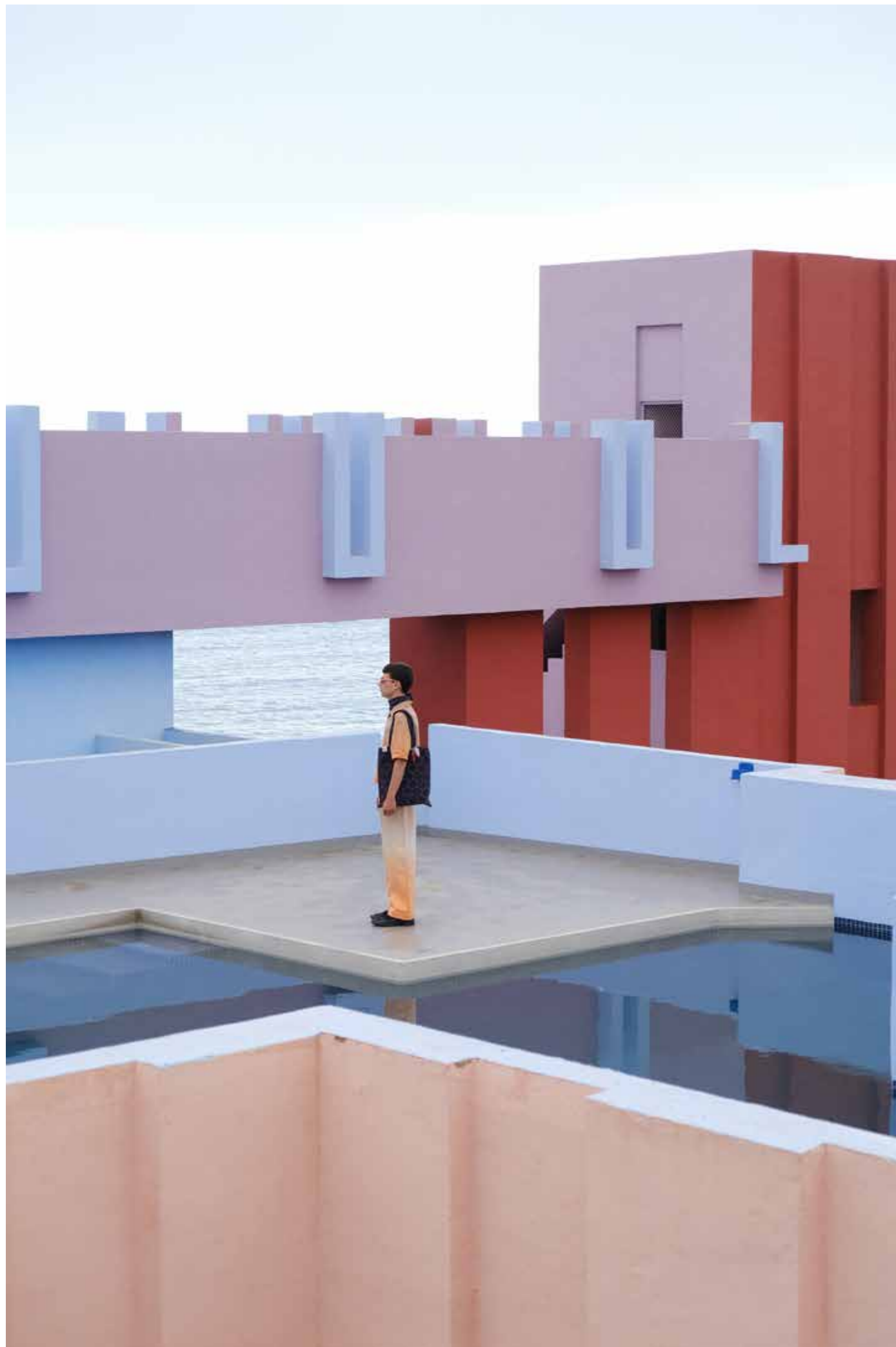
JJ: Em relação a expectativas, senti inicialmente que não estava muito bem preparado para a indústria e que também não tive o melhor apoio possível nas primeiras marcas por onde passei, mas acho que foi um bom primeiro impacto, eram marcas pequenas em que errar e aprender ainda era possível.

Quais as lições mais importantes que trazes das tuas experiências internacionais com as marcas ÉTUDES e CMMN SWDN? Expandiram substancialmente os teus horizontes?

JJ: Lições mais importantes que trouxe foram a da importância do trabalho em equipa, do coletivo e de ser humilde perante os desafios. Expandiram sim, a nível de universo moda é substancialmente diferente os métodos de trabalho e tempos em relação a Portugal e senti que de certa forma era mais 'real', os frutos do nosso trabalho diário eram visíveis e palpáveis.

Quando voltaste a Portugal, passaste pelo estúdio da ALEXANDRA MOURA, e pela MARQUES'ALMEIDA —na última foste *"Garment Technologist"*. Conta-nos como correu esta experiência, em particular neste contexto mais técnico.

JJ: O trabalho como *Garment Tech* na M'A foi o meu primeiro trabalho 'a sério' e foi uma escola enorme. A equipa em Portugal de suporte a Londres era muito pequena na altura e havia espaço para nos movimentarmos dentro dos diferentes departamentos, o que para mim sempre foi muito interessante perceber como uma



marca funciona num todo. O método de trabalho era bastante livre, estávamos todos a trabalhar para o mesmo objetivo e a representar a marca o melhor possível junto dos parceiros.

Como nasce o *Fora de Jogo*? E acreditas que, após terminares o curso, desenvolveres a tua experiência em diferentes projetos, antes de avançares com o teu, foi crucial?

AI: O *Fora de Jogo* nasceu de uma necessidade minha de voltar a estar ligado a um universo mais criativo e sem regras, que é algo que ainda não encontrei até agora na indústria. Foi crucial ter passado por todas as outras experiências antes de iniciar o meu próprio projeto, preparou-me bastante bem para os diferentes desafios que tive de enfrentar até hoje.

Muitos criadores, iniciam a sua carreira promovendo o seu nome ou criando uma marca independente que, posteriormente, realiza colaborações pontuais. No entanto, a colaboração está na gênese do teu projeto –apresentas o *Fora de Jogo* como um projeto colaborativo multidisciplinar. O que te levou a avançar neste sentido?

AI: Penso que em todas as marcas a colaboração está na gênese das mesmas, apesar de que depois o que é passado para o público não seja isso, sendo sempre a imagem do Creative Director que perdura quando uma coleção é apresentada.

AI: No *Fora de Jogo* em específico, as colaborações vem elevar o trabalho base que eu desenvolvo em cada coleção, sendo que dirijo as colaborações a áreas das quais não domino, como por exemplo a joalheria, surgindo aqui a colaboração com a PILAR DO RIO na coleção final do Sangue Novo 'Blurred Identities' em Março 2021.

O que te seduz em explorar os *Lost Objects* e contextualizá-los, e transformá-los em diferentes criações?

AI: A ideia é um bocadinho transmitir a sensação e sentimento que cada objeto me traz no momento de os adquirir, repensar as suas histórias passadas e a quem pertenciam antes de os encontrar. Eu trabalho muito os conceitos de identidade e comunidade e nesta perspetiva, alguns dos objetos marcam certos períodos e fases da minha vida que são refletidos nos conceitos das coleções.

O teu foco está em colaborações com artistas de outras disciplinas ou pretendes colaborar também com outros criadores de moda nacionais, ou até internacionais?

Está nos teus planos?

AI: Por agora não está nos planos mas talvez num futuro, o projeto está muito em aberto e tem liberdade para fazer com que esse tipo de colaborações aconteçam. De momento o que vou procurando, como mencionei anteriormente, são colaborações em diferentes disciplinas que complementam a minha e elevem o trabalho desenvolvido em todas as coleções.

Uma colaboração a destacar é também a com a TINTEX para a tua coleção *UNI-FORM*, resultante da atribuição do prémio Sangue Novo da Moda Lisboa. Conta-nos como correu, e o que destacas da mesma como importante para um designer emergente?

AI: É uma colaboração bastante importante e foi uma experiência bastante positiva. É uma coleção 'relâmpago' como lhe chamo, desenvolvida em papel durante 3 semanas e posteriormente realizada fisicamente, mas achei que aí foi mesmo o ponto principal desta colaboração e residência na TINTEX, o desafio de adaptar todo o meu processo de desenvolvimento de coleção como *Fora de Jogo* aos timings e materiais disponíveis para o fazer. A coleção desenvolvida originalmente não foi alterada durante os dois meses de make até ao desfile na ModaLisboa, achei importante manter-me fiel ao desenvolvimento inicial. Como follow up do concurso Sangue Novo, acho que é um prémio bastante bom na perspetiva de continuação de desenvolvimento de trabalho.

O que podemos esperar de ti e do *Fora de Jogo* para os próximos tempos? Planos definidos que possas partilhar?

AI: Sem grandes planos definidos para o futuro mas continuar a apostar no projeto e a desenvolver trabalho nas áreas em que o projeto está envolvido. Em perspetiva pessoal/profissional, continuar também a minha jovem carreira na indústria e apostar em novos desafios.





ROOTS

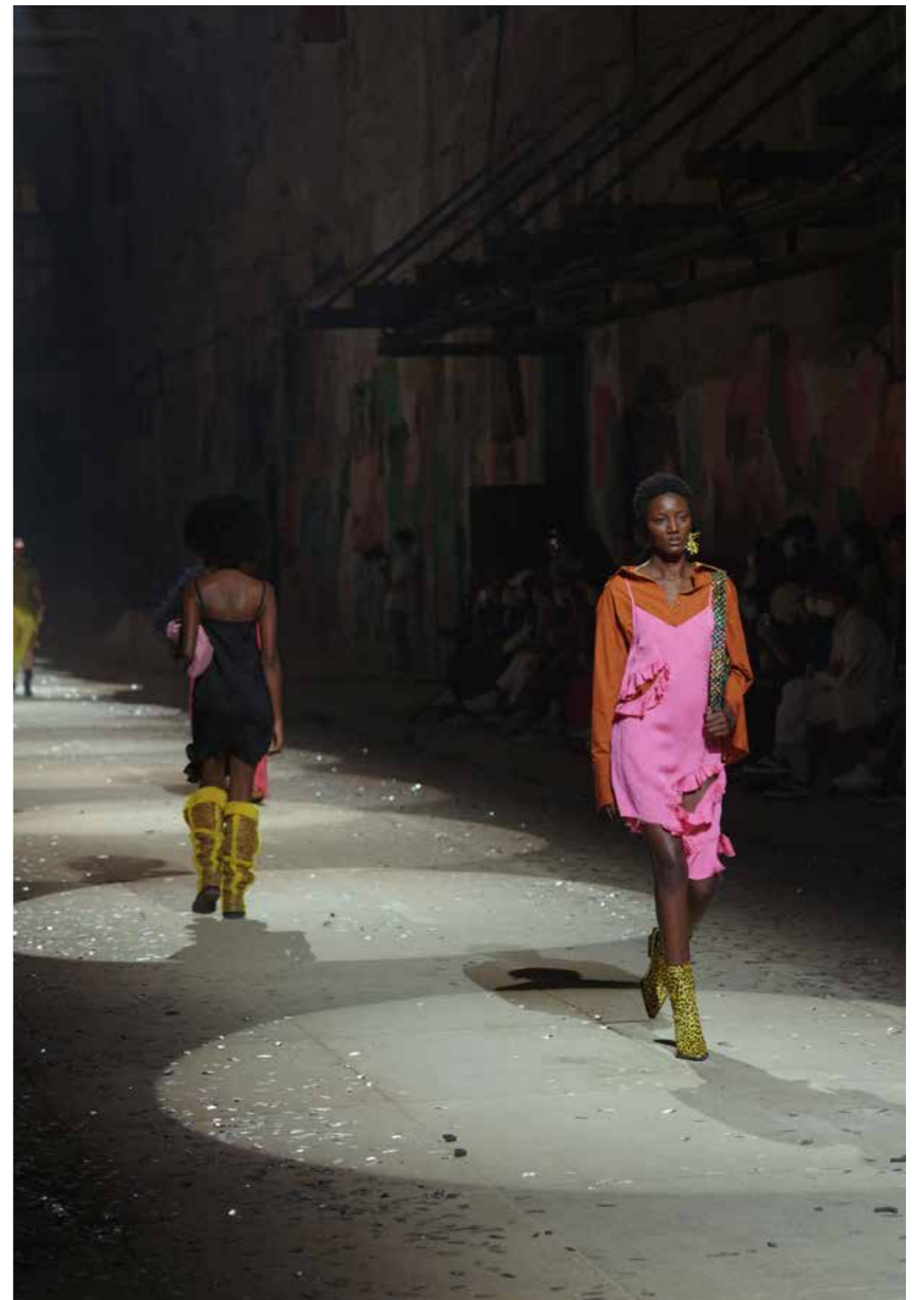
texto Adriana Veríssimo Silva
fotos Guilherme Lucas

Com mais uma edição do Portugal Fashion, descobrimos e captamos as novas tendências para a primavera/verão de 2022, não só da perspectiva de designers portugueses mas também com a especial adição de designers africanos, tornando esta edição muito mais diversa e inclusiva. Mas um dos momentos mais memoráveis e peculiar destes quatro dias foi a apresentação da nova coleção de MARQUES'ALMEIDA, marca criada em 2011 por MARTA MARQUES e PAULO ALMEIDA, que em conjunto com novos designers e artesãos portugueses, na noite de quinta-feira (14 de outubro), pelas 20 horas, lançaram um desfile difícil de se esquecer. Decorrido no antigo matadouro industrial do Porto, um espaço desativado há cerca de 20 anos, mostrou que tudo pode ser reinventado e reabilitado.

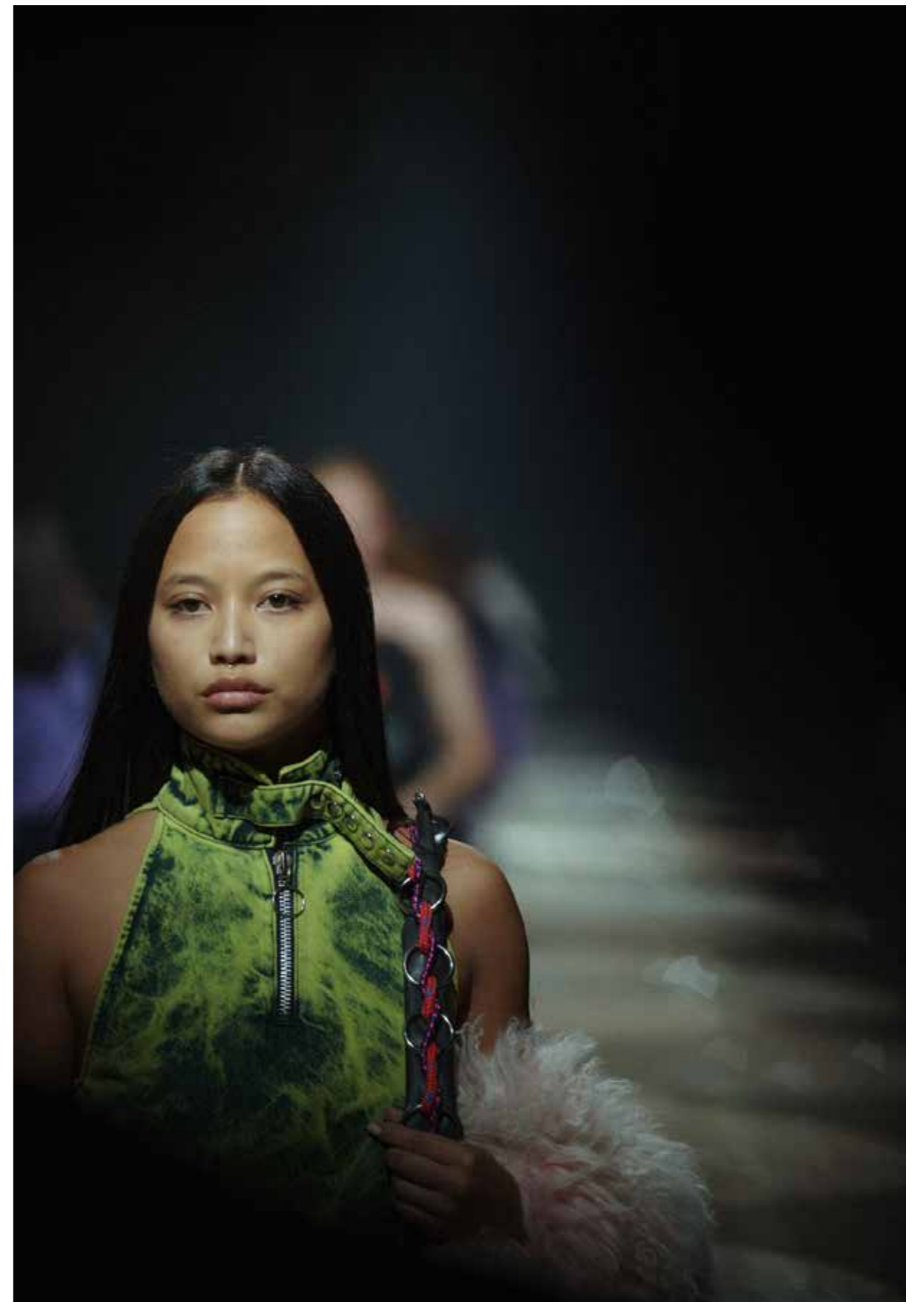
Com 71 coordenados e a contínua expressão na passarela de inclusividade, modelos de vários backgrounds, e diversas peças chave de outras marcas portuguesas misturadas com a tão única expressão criativa do design de marques almeida, a marca deu mais um passo de mudança na indústria portuguesa. *Roots* é o nome desta coleção que celebra o regresso da marca às origens, para re-descobrir uma nova visão do que a geração mais recente está a fazer comparativamente ao já feito por eles mesmos, no início da marca. Sendo assim esta, assinada não só por MARTA MARQUES e PAULO ALMEIDA, mas também por mais seis artistas e designers do Porto que os criadores convidaram a fazer parte deste processo.

Os designers e artesãos presentes no desfile dos MARQUES' ALMEIDA foram: SUSANA DA MANA, criadora dos sacos de "patchwork" feitos à mão; NANI CAMPOS, desenhadora das jóias artesanais, TERRA; REBECA, a artista que criou as correntes feitas de lixo que são esculturas sonoras; TILO, criador dos tecidos artesanais e costurados usados em vários coordenados apresentados; ARIEIV, designer dos modelos e peças mais coloridos e quase galácticos; MARCELO ALMISCARADO, designer das peças mais pormenorizadas, com a sua característica flor bordada.

Demonstrando entre eles todos uma grande preocupação com a sustentabilidade, a inclusividade e a representatividade, que PAULO e MARTA tiveram que aprender com o tempo e a experiência. No fundo, os designers quiseram dar o "spotlight" a quem não o tem, um espaço e voz aos mais novos e que se querem fazer ouvir. Dar outra vida e perspectivas às peças, marcando a importância do styling nos dias de hoje, para a sustentabilidade e o re-uso e criação de novos coordenados. No fim, admitiram os próprios designers MARQUES e ALMEIDA, que foram eles quem mais ganhou com esta colaboração.













↑
AITOR GOICOCHEA ABRUZA

Não é a primeira vez que abordamos a importância do INTERNACIONAL TALENT SUPPORT (ITS), um concurso que acontece em Trieste e é desenhado para dar visibilidade e apoio aos melhores estudantes de design de moda recém-formados. Porque o concurso se refere a finalistas, além das distinções atribuídas aos estudantes, está em jogo o prestígio das escolas em termos globais. Daí que as escolas de design estejam sempre muito envolvidas no concurso. Os professores acompanham as apresentações finais, porque aclamações de vencedores trazem consequentemente um maior leque de alunos inscritos no curso de moda. No ano em que o ITS celebrou efusivamente a entrada de MATTHIEU BLAZY, um dos seus antigos vencedores, na direção criativa de BOTTEGA VENETTA, Trieste voltou a apreciar, na sua 19ª edição, 530 propostas que abrangeram 55 nacionalidades provenientes de 80 escolas de 30 países diferentes. Comparativamente aos anos iniciais do ITS, o que verificamos hoje, é um maior número de escolas que conseguem levar alunos à pequena lista de finalistas que disputa o prémio. Inicialmente eram alunos saídos da Royal Academy of Antwerpen que ganhavam invariavelmente. Depois passámos a assistir a uma vaga de vencedores da Royal College de Londres e agora, aparentemente temos proveniências mais diversificadas. O mundo é outro, e as temáticas e as origens ganham mais relevância, tendo em conta os premiados recentes. Este ano o prémio mais importante foi atribuído em ex-aequo a um espanhol, que provinha da IED, Instituto Europeo di Design em Barcelona e a um marroquino, finalista da Central Saint Martins de Londres, escola que volta à ribalta depois da importância do seu legado.

Uma visão a sul

INTERNACIONAL TALENT SUPPORT

texto Maria São Miguel

A proposta do espanhol, AITOR GOICOCHEA ABRUZA baseia-se, essencialmente, na construção têxtil e na exploração da sensação da cor. O júri elogiou a sua capacidade de construir texturas que transformam a nossa visão da cor. Refere a grande carga emocional, a originalidade do uso da imagem fotográfica e o facto de procura misturar várias influências numa procura de uma identidade própria. Toda a mestria que coloca na execução do bordado é outro elemento que marca a atribuição do prémio. Já o marroquino ADAM ELYSASSE procurou trazer a sua própria tradição berbere para o universo multi étnico dos subúrbios de Londres, a sua nova realidade. Procurou que a sua coleção respondesse a algo muito básico que não estivesse longe dos atributos e necessidades que os indivíduos reais imputam à roupa. Para isso, importou o contacto que teve com elementos das tribos do seu país que explicaram as suas necessidades práticas, e também transmitiram conhecimento técnico tradicional, que esteve na base do processo de construção das suas peças, orientadas agora, para uma linguagem contemporânea de moda.

É a primeira vez que os premiados provêm da bacia do mediterrâneo, quando tínhamos assistido nos últimos anos a uma vaga de alunos finalistas asiáticos vencedores, provenientes das escolas do norte da Europa. Evidentemente, num mundo que espreita com mais atenção a fusão de culturas e onde a emigração é um tema do dia, é provável que a atenção e os critérios se alterem e haja mais atenção a outro tipo de sensibilidades. Por isso, é também de referir a presença do flamengo de origem marroquina, MOHAMMED EL MARNISSI da Royal Academy of Antwerpen, um dos criadores que ganhou um dos prémios secundários.



↑
AITOR GOICOECHEA ABRUZA



↑
AITOR GOICOECHEA ABRUZA



↑
ADAM ELLYASSE



↑
ADAM ELLYASSE



↑
ADAM ELLYASSE



↑
MOHAMMED EL MARNISSI



↑
MOHAMMED EL MARNISSI

NEXT GENERATION

texto Adriana Veríssimo Silva



Next Generation é o nome da exposição temporária que decorre no Museu da Moda e dos Têxteis, no WOW –WORLD OF WINE, em Gaia. Esta mostra reúne peças das coleções de 11 jovens criadores de moda emergentes que se destacaram no *Bloom* (Portugal Fashion) e no *Sangue Novo* (Moda Lisboa). Até 9 de Janeiro vão poder ver reunidas criações de MARCELO ALMISCARADO, MARIA CARLOS BAPTISTA, HUARTE, AHCOR, RITA IBS e KENSAL, nomes presentes no Portugal Fashion e FILIPE CEREJO, IVAN HUNGA GARCIA, MARIA CLARA, MARIA CURADO e VEEHANA que participaram na Moda Lisboa. São apresentados 3 looks de cada designer de forma a que cada criador possa ser apreciado de perto, revelando o complexo trabalho por detrás de cada peça. Sem dúvida algo a não perder!



WOW – World of Wine
Rua do Choupelo, 39
Vila Nova de Gaia

Seg. → Sex.
12:00 → 19:00
Sab. → Dom.
10:00 → 19:00

www.wow.pt

Cantar é sentir, acreditar e viver

CHAILD

texto Titus



POP IRREVERENTE, podemos descrever assim a sonoridade do cantor luso-italiano de Bruxelas que está a dar que falar em alguns países europeus. Com um estilo lírico muito próprio influenciado pelo fado português e o cancionero popular italiana CHAILD traz- nos um pop electrónico carregado de sentimentos, que transmite calma e transborda de emoção a quem o ouve. Inspirado por astros como TROYE SIVAN, MAHMOOD e NOAH CYRUS, o artista é também um ativista e defensor dos direitos humanos tais como as minorias LGBTQI+. Luta por um mundo livre de qualquer tipo de opressão e o seu coração está sempre ao lado do público queer.

O seu mais recente lançamento, *Ocean Boy*, fala de um rapaz que em prol de uma personalidade e identidade que era imposta socialmente, mas que não era a sua, acabou por se afogar nas lágrimas da sua dor. O seu primeiro álbum está para breve e promete trazer “as coisas mais bonitas e genuínas” que alguma vez escreveu acerca das suas origens. Refere-se à sua orientação sexual e às batalhas que travou para que a melancolia que viveu, sobrecarregada de pensamentos pesados, não se sobrepusessem ao seu infinito desejo de viver a vida ao máximo, como qualquer rapaz.

BELEZA

texto Sara Madeira



BILLIE EILISH FRAGRANCES

Billie Eilish lança o seu perfume tal como era habito entre as grandes estrelas dos anos 90. Quis que fosse uma fragrância muito pessoal que lembrasse os aromas da cozinha da sua casa materna. Saiu então algo açucarado, com aromas de tangerina e frutos vermelhos, com especiarias suaves, cacau e baunilha cremosa e notas de fundo como almíscares quentes e odores amadeirados. Fragrância chega ao mercado em novembro.



SCANDAL HIM

Depois de Scandal para mulheres, a maison Jean Paul Gaultier lança um e Natalie Cetto que procuraram encontrar um perfume amadeirado oriental totalmente moderno. Para começar, foram buscar a frescura "golpeante" da salva e da tangerina combinado como uma overdose de fava-tonca extremamente viciante, contrastando com vetiver sensual que traz a força vibrante da madeira. Vai deixar qualquer um K.O.



CONSTANTINOPLE

Constantinople é a mais recente fragrância de Penhaligon's, que se vem juntar ao universo Trade Routes, que se inspira na história britânica (viagens e explorações pelo mundo). Uma fragrância unissexo, desafiadora, vibrante e intemporal. É um amadeirado e Oriental onde o floral se encontra com a terra. A íris opulenta encontra-se com o musgo terroso com um toque doce de baunilha.



YVRA 1991

A marca de perfume com sede em Amesterdão, YVRA, lança um antídoto para a vida online numa época em que contacto virtual prevalece. A fragrância procura lembrar as sensações anteriores a 1991, quando o mundo era explorado fisicamente, não virtualmente. É um perfume premium, poderoso, aromático e fresco graças aos aromas de bragamota que se misturam com o alecrim que se misturam com o gerânio e cardomo, tendo com base aromáticos profundos como o musgo de carvalho, a madeira de cedro sândalo e âmbar.

O ATELIER DOS SONHOS

Como é habitual, a Dior lança para as festas de fim de ano um conjunto de edições especiais. Sobre o nome The Atelier of dreams, este ano comemoram o edifício sede da Dior no 30 da Avenue Montaigne em Paris e a fachada aparece representada de diversas formas nos novos produtos que apresenta vermelhos intensos para os lábios e cores metálicas para as sombras, nos olhos.



EXPLOUD

O pequeno grupo de perfumistas italianos, Laboratorio Olfattivo, chamou Pierre-Constantin Guéros, da gigante Symrise, para criar um perfume único baseado no incenso, um das matérias primas mais preciosas na perfumaria. Guéros conhece muito bem o médio oriente e já é celebre pela capacidade que tem de potencializar esses aromas que eram exclusivos dos reis e dos deuses. ExpLOud é pois uma explosão misteriosa e sensual que combina, incenso com as especiarias e tons florais como magnólia e gardénia.



VELVET

Le Rouge Sheer Velvet incorpora toda a modernidade e elegância da Maison Givenchy. Como um precioso acessório de moda, o estojo é revestido em veludo de jacarandá, refletindo o seu acabamento sensorial, espelha a estética dos códigos da Maison para melhor reivindicar o seu património Couture. É um batom cuja base e a tampa são reutilizáveis. Para este fim, a Maison desenvolveu um sistema exclusivo que torna possível o recarregamento do produto. As recargas estão disponíveis nos quatro tons mais icónicos da Maison, incluindo o famoso N°37 Rouge Grainé.



ROYALE

Os produtos das abelhas são algumas das substâncias de revitalização natural mais eficazes do mundo. A Pesquisa GUERLAIN tem trabalhado continuamente com o mel e a geleia real para criar Abeille Royale: um programa de cuidado da pele que comprova cientificamente a sua capacidade excepcional de minimizar os sinais visíveis do envelhecimento da pele. Lança agora o Advance Youth Watery Oil, um óleo altamente eficaz que permite que a pele se repare 9 vezes mais depressa. A pele fica visivelmente preenchida, mais suave e mais iluminada. De manhã ou a noite bastam 2 ou 3 gotas aquecidas entre as palmas das mãos antes do sérum.

Desde a aurora dos anos noventa do século passado que DAMON ALBARN lidera os BLUR. Pelo caminho concebeu projetos com inúmeros artistas, dos quais o mais notabilizado é o grupo GORILLAZ. Recentemente arquitetou o seu segundo álbum a solo, recorrendo a dois músicos habituais, o antigo guitarrista dos THE VERVE, SIMON TONG, e o saxofonista MIKE SMITH. O périplo pelo Uruguai, Montenegro, Irão e Islândia, o seu refúgio mais apreciado, serviu de engrenagem para o disco.

Nunca a melancolia nostálgica da vocalização de DAMON ALBARN nos prendeu tanto. As suas palavras podiam ser as nossas. O seu reflexo no espelho o nosso. A sua inquietude e introspecção as nossas. O seu novo disco *The Nearer the Fountain, More Pure the Stream Flows* exercita a capacidade contemplativa que temos para transformar as experiências do passado em novas leituras de vida. E que tesouro este artista guarda.

As paisagens vivenciadas são traduzidas em sensações, que encontram na natureza a sua expressão. A vista para o monte Esja inspirou-o certamente, tendo sido objeto onírico, para uma canção. As paisagens e os locais dão corpo às canções, como se as memórias habitassem esses espaços. Neste sentido, *Esja* é composta por uma brilhante corrente eletrónica, violinos chilreantes numa simbiose biológica, como se sobrevoássemos um dos seus caudais de água. Também nesse sentido, embora entre paredes, *The Tower of Montevideo* incorpora um ambiente jazzy com elementos apimentados por sons latinos, que nos transportam inequivocamente para um salão de baile decadente, condensado em fumo de tabaco, strippers e homens solitários nos cantos escuros da sala.

A faixa de abertura, e tema que dá nome ao disco, vaticina para uma viagem contemplativa para uma descoberta interior. Como se advertisse em código morse o ouvinte de que as emoções, presas à memória, necessitassem desse sinal para assumir a forma física. Para que a memória corporizada possa ser observada na terceira dimensão, sob todos os ângulos possíveis. As memórias também podem funcionar como catalisadoras de referências musicais de outros artistas. Se por um lado *Giraffe Trumpet Sea* evoca ambientes popularizados por BRAIN ENO, já *The Cormorant* veste-se de uma matéria próxima de uma canção de DAVID BOWIE, em *Black Star*. Um dos singles mais notáveis do disco *Royal Morning Blue* é provavelmente o mais próximo do ADN de ALBARN nosso conhecido. O tema discorre como um rio monte abaixo, numa alucinante viagem pautada pelo saxofone, guitarra cristalina e teclados que lembram um velho sintetizador Casio. A canção *Combustion* salta como um grito comprimido que se expande ao ser oxigenado pelos ritmos frenéticos do piano, do saxofone estridente e da guitarra rouca. Como se o vácuo fosse fertilizado por esse grito e gerasse vida a uma nova estrela.

Em *Daft Wadder* o piano e os sintetizadores comungam em harmonia, numa frágil canção. A melancolia transveste-se numa saltitante corneta como quem emerge de uma plateia às escuras de um Cabaret para o palco. A melancolia encontra novamente o seu epicentro em *Darkness To Light*, como se protagonizasse o alinhamento dum concerto num teatro de variedades. A estrela do Norte *Polaris* aponta mais um caminho para o horizonte longínquo. A batida é marcada por um metrómano de um Tango argentino, embrulhado em sintetizadores luxuriantes e um potente saxofone a liderar a caminhada. A fechar o álbum, *Particles* assume a forma de uma bela balada, tecida em sintetizadores, piano, guitarra e partículas de água, que assumem o seu estado mais vibrante ao encerrarem o disco num pacífico e sereno estado contemplativo.

A jornada faz-se encadeada num alinhamento que pede para ser seguido pela trilha que ALBARN desenhou para este disco. As músicas entrelaçam-se. Nada foi deixado ao acaso. Como se se tratasse de um mapeamento sideral de contacto connosco e o espaço que ocupamos. Por vezes melancólico, por outras exultante.



D A M O N A L B A R N

texto Carlos Alberto Oliveira

DO ALTO DA MONTANHA

camisa, sweat e calças LION OF PORCHES
sapatos FLY LONDON

Carla Prata

PÓS-COLORS

entrevista

Sara Madeira

fotografia

João Barreiros @joaobarreiros.pdf

produção e styling

Sofia de Carvalho @sofiadccarvalho

makeup

Margarida Sequeira @mag.smakeup

À porta de divulgar o seu próximo álbum, o anunciado, *Sextape*, CARLA PRATA, desperta muita atenção internacional, depois da projeção internacional que alcançou com duas passagens pela plataforma *Colors*, onde é referida como uma das grandes promessas no meio musical. Com raízes angolanas, CARLA PRATA nasceu em Londres, e tem vivido entre Portugal, Angola e Londres, uma multiculturalidade que se destaca nos vários singles que tem lançado até agora. As suas primeiras experiências começaram com um teclado midi e um microfone oferecido pelo pai que a levaram mais tarde a apostar num curso de engenharia musical que realizou em Londres com 15 anos. Os primeiros sucessos acontecem em Luanda, mas seria em 2018 quando se estabeleceu em Lisboa que a sua linguagem começa a definir-se e a ganhar uma legião de fãs em cada Ep que foi lançando. Hoje com 21 anos, faltava-lhe um novo degrau, daí que se tenha fixado em Londres porque o mundo está avido de ouvir mais.

bomber DUNBROOKE
calças e polo FRED PERRY
sapatos STEVE MADDEN



sweat e calças FRED PERRY
sapatos STEVE MADDEN





Muito se falou por seres a primeira cantora Angolana a passar na plataforma *Colors*. Voltaste agora em Agosto, foi a para ti a confirmação de uma consagração?

CARLA Foi um momento especial na minha carreira, sinto orgulho de ter partilhado a plataforma com artistas de quem sou fã. O timing da estreia do segundo tema, *Owner*, foi especial porque coincidiu com o momento que me tornei “owner” dos meus masters. *Owner* foi também a minha primeira música a ter sucesso fora do círculo lusófono.

Para ti qual a importância de *Colors*?

CARLA Super importante, é uma plataforma que muda a carreira de muitos artistas. O *Colors* teve um grande impacto sobre a minha carreira.

Em que medida esta confirmação está a mudar a tua carreira?

CARLA *Colors* ajuda a tua música chegar a novos ouvidos. Hoje aprecio estar a criar música com produtores ingleses, americanos, holandeses, nigerianos, entre outras origens. *Colors* ajudou em muito para que isso esteja a acontecer.

Em que medida isto trouxe mudanças para o teu já anunciado próximo álbum?

CARLA É difícil responder a esta pergunta. O meu álbum continua em desenvolvimento e o que é certo é que a partir do início do próximo ano vou lançar 6 singles.

Já conhecemos o tema *Certified Freak*, podes falar deste tema?

CARLA O *Certified Freak* foi um tema que descreve perfeitamente uma fase que eu estava a viver. É um tema que gravei para os “certified freaks”. Estas pessoas sabem quem são.

Em que medida as tuas raízes te diferenciam na cena global?

CARLA Por causa das minhas raízes tenho influência de culturas diferentes. Isto manifesta-se na música que crio. Fiquem atentos à música que vou lançar no próximo ano, onde esta questão vai ser mais clara.

E como foi aprofundar as tuas raízes quando passaste a viver em Angola depois de uma vida inteira em Londres?

CARLA O tempo que passei em Angola foi muito importante para mim, não só para perceber o quanto a nossa cultura é rica, mas também para concretizar a minha identidade enquanto artista angolana.

És conhecida pelas misturas de estilos, o que procuras no essencial?

CARLA O que procuro é difícil de descrever. Sei que evito ser colada a uma tendência, a um género de música. Gosto de variedade.

Escreveste que o estilo não importa mas a vibe que cada beat transmite, sim. Isso para ti quer dizer o quê?

CARLA Uma boa vibe transcende qualquer estilo musical, se gostas de boa música sempre vais apreciar uma boa melodia, seja house, rock, kizomba ou outro género.

Passas muito tempo em Lisboa, o que costumavas fazer por cá?

CARLA Hum comer um bom pitéu, party and bs, party and bs, party and bs....



Alessandro Di Giampietro

Dress Salad

WHAT'S HAPPENING
IS HAPPENED

A Alma é quando vê
alguém a morrer e se ri.

texto Danilo Vuolo

Werner Shwab – Dramas Fecais

Imaginemos por um momento que uma sociedade pode existir, capaz de recompensar os seus componentes na medida em que possam usufruir - com tanta intensidade quanto possível o que estão a experienciar. Quem pode maximizar a curva de otimização do prazer, existe mais do que os outros, existe como prova de uma convicção hedonista comum que quer eliminar a dor e evitar o tédio na conquista de uma alma. Aqueles que não serão capazes de desfrutar morrerão achataados pelo peso do riso. Estamos num daqueles mundos onde é possível entender imediatamente como a vida é apenas o resto mastigado de uma teoria económica, num daqueles lugares onde ninguém está realmente interessado no que acontece além da sua própria sala de estar sentimental; o outro é apenas um fundo opaco, velado por manchas não específicas de cor: em torno de nós movem-se os nichos volumosos de corpos genéricos - embora diferente entre eles em detalhe, todos são ninguém - seres disfarçados de boas intenções boas em busca da conversa certa, do número certo de bebidas, da passagem certa, da presa sexual certa para enfeitiçar com dada atitude evocativa, apenas da imagem de um fim; todos envolvidos numa dança de trapos, com a intenção de produzir o que podemos chamar de o valor absoluto de um mero presente

Aqui, passado e futuro são insignificantes uma vez que o imediatismo do contentamento é a única verdade de valor. Aqui, toda a gente tem algo importante para viver - no seu próprio buraco interior - enquanto imóveis em caretas de contentamento, dançam, riem, fodem, compram, bebem, assistem, ouvem, cumprimentam, trabalham e fazem incessantemente o que querem para esvaziar a existência de sentido, abrindo espaço a uma emotividade económica em crescimento exponencial. Agora imaginemos que neste mesmo mundo, podia haver uma máquina de experiência capaz de produzir nos corpos que nela entrassem, a atividade sensível máxima de apreciação, na subtração total de capacidade de tomada de decisão de todos os plenamente envolvidos. A experiência é indistinguível de tamanho real da vida, e todos podem decidir se a viver fora ou dentro da máquina. No entanto, se decidir entrar, então é uma escolha definitiva. No fundo desta arquitetura negativa, os prisioneiros do prazer seriam completamente incapazes de responder à seguinte pergunta: a que dimensão moral apelamos quando queremos dizer a nós mesmos e aos outros o valor do que estamos a fazer, ou mais em geral, de tudo o que está dentro do significado de experiência sensível?

Happening de Alessandro Di Giampietro
CABANAmad, Lisboa 23 de Novembro, 2021



Dresse Salad untitled portrait, 2021
Edition of 5+2 p.a.
65x51cm on oak box



Dresse Salad untitled portrait, 2021
Edition of 5+2 p.a.
65x51cm on oak box



Dresse Salad untitled portrait, 2021
Edition of 5+2 p.a.
65x51cm on oak box



Dresse Salad untitled portrait, 2021
Edition of 5+2 p.a.
65x51cm on oak box



Dresse Salad untitled portrait, 2021
Edition of 5+2 p.a.
65x51cm on oak box



A: estamos a deixar este sítio?
B: e porquê nunca
R: não vai me dizer que se está a divertir
B: Acho que sim
A: O que te faz pensar isso?
B: está a chover, adoro a chuva
A: acho que nos estão a cuspir
BH: Tem algo melhor a propor?
A: Não
BH: Então cale-se e aproveite a chuva

POLICROMIA

ENSAIOS SOBRE – A COR

por MARIA JOSÉ CABRAL

texto Beatriz Nascimento



Hora de Leitura, 2017
Pintura sobre tela

po·li·cro·mi·a
nome feminino
Multiplicidade de cores

A relação dos artistas com os elementos que escolhem trabalhar é íntima e particular, mas, no caso da cor, a sua utilização na arte, é um dos elementos que mais influencia o observador. É natural que a multiplicidade de algo que tomamos como simples seja questionado ao contemplar uma obra.

É no lado da multiplicidade que podemos encontrar o trabalho de MARIA JOSÉ CABRAL. Artista de, e, em Lisboa, que cria universos de cor e referências transversais a uma geração, numa espécie de nostalgia feliz de elementos automaticamente reconhecíveis.

Para a artista a utilização de cores é um processo tanto sensorial como ponderado. A policromia da sua obra habita no seu próprio sistema criativo e na “exploração digital de imagens”, através de ferramentas tecnológicas para manipulações compositivas, criando um universo onde cada elemento possa ter qualquer cor e ser qualquer coisa. Tanto a nível cromático como no acabamento técnico, estas criações são imagens que podem perfeitamente renunciar-se a representações formais, e cumprem-se visualmente, tanto observadas ao vivo como em qualquer plataforma digital.

As obras da MARIA JOSÉ transportam-nos sempre para momentos cristalizados num espaço e num tempo, e é a centralidade da cor que nos alerta para uma espécie de nova dimensão. Assim como a composição e as alusões familiares de infinitas possibilidades, a cor serve como motor para outras formas de criar. Este exercício criativo não é aleatório e, parte, muitas vezes, de referências pessoais, inspirações exteriores e de outras formas que a artista procura para se expressar.

A construção de um sistema criativo próprio é, neste caso, para a artista uma forma de comunicar através de vários veículos. Apesar da pintura ser a constante no seu percurso, agrada-lhe a consciência que tem da naturalidade simbiótica de outras expressões artísticas. A sua relação com cor e composição, liga a pintura à moda, uma forma de colaboração comum para quem está atento a ambas e, como em diversas vertentes artísticas, a influência é circular e não tem um discurso de começo e fim. A moda entra como mais uma ferramenta de expressão e comunicação para a artista, sendo que esta vertente enriquece o seu trabalho “agitando” a rotina do seu processo criativo.

É com esta crença de uma sinergia entre artes e no espírito contemporâneo de multiplicidade, que a artista desenvolve o seu trabalho. A visão que procura diversificar constrói aquele que é o seu mundo, sempre em policromia. No limite, a MARIA JOSÉ é uma extensão do seu próprio sistema. Há uma harmonia em seu redor e daquilo que faz, desde as cores das composições que utiliza na pintura, como naquilo que veste e nos projetos que vai iniciando, acreditando que explorar várias áreas não compromete a qualidade de cada uma individualmente.

Há na cor uma noção de possibilidades inacabáveis. Esta noção é também parte daquilo que a cor representa para a artista, a sua vontade de a explorar é insaciável, mas o seu processo passa pela contenção e repartição de utilizar todas as cores de uma só vez, depositando no tempo a maior das possibilidades – a de compor livremente, sem pressas.



Golden Trip, 2020
Pintura sobre tela



Frozen, 2019
Pintura sobre tela



casaco VANS
anel ROCHA CARVÃO



panamá ESC
lenço e gabardine ATELIER MISS SUZIE
pólo e calças LION OF PORCHES
sneakers SANJO

Duarte Melo, artista multidisciplinar nascido em Lisboa. Formado na Escola Profissional de Teatro de Cascais (EPTC) e licenciado na Escola Superior de Teatro e Cinema (ESTC), atualmente está a tirar mestrado em Artes Cénicas na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH) ao mesmo tempo que continua a desenvolver o seu trabalho artístico.

DUARTE MELO

entrevista produção
Sara Valente Addicted Productions @addicted.prod
fotografia styling
Bernardo Casanova @bernvs_ Sara Peterson @_sara.peterson_

Agradecimentos: Clube de Campo Golfe Aroeira

Quando eras pequeno imaginavas-te a trabalhar para o sector artístico?

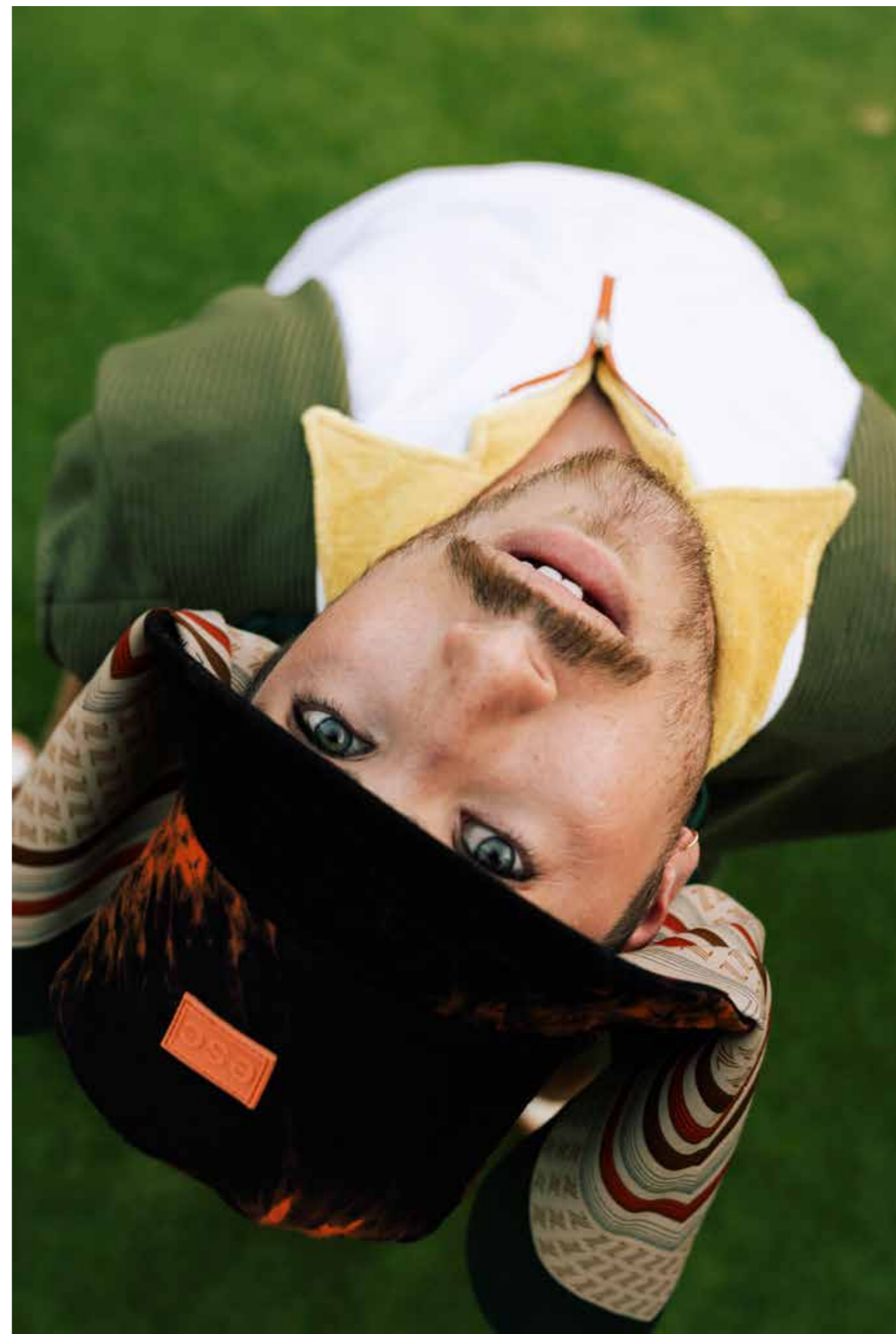
DUARTE Não, mas talvez para as pessoas à minha volta fosse previsível. Lembro-me de ser criança, e até adolescente, e ficar parado no meio da rua a olhar para as pessoas a andar, a interagir, de ouvir uma pessoa com um sotaque diferente do meu e de imediatamente reproduzi-lo. Meti-me muitas vezes em situações constrangedoras (ri-se). Mas não, não nasci a querer ser ator. Tive a minha fase em que não sabia o que queria. Sinto que as coisas se foram construindo nesse sentido, com pessoas que me impulsionaram mas acima de tudo com vontade de perceber melhor o que é que é isto de criar, a partir de mim ou de algo distante de mim.

Que pessoas são essas, que mais te impulsionaram?

DUARTE Em primeiro lugar os meus pais, que vêm da área da ciência mas nunca colocaram de parte a importância de ler livros, ir ao cinema, ao teatro, viajar para outros lugares que não a realidade quotidiana onde se vive. Sempre me estimularam a querer ver mais, e acima de tudo de querer saber mais. E depois pessoas que me fui cruzando, na vida pessoal ou profissional, que constituíram um lugar importante para o meu desenvolvimento artístico. E principalmente que me estimularam, porque eu prezo isso nas pessoas que estão à minha volta. Tenho também artistas-referências que carrego no meu trabalho, como JOÃO GARCIA MIGUEL, JEAN GENET, PINA BAUSCH, NIETZSCHE, centenas de poetas.



casaco VANS
camisa ATELIER MISS SUZIE
anel e pregadeira ROCHA CARVÃO
sneakers FLY LONDON



panamá ESC
lenço e gabardine ATELIER MISS SUZIE
pólo LION OF PORCHES



óculos CHLOÉ
camisa MUSTIQUE
calças RICARDO ANDREZ
sneakers VANS

Como é que olhas para o teu percurso artístico, até chegares a esta conversa?

DUARTE Olho com olhos de quem vê uma coisa já lá está e que dificilmente se consegue desfazer, e de quem agradece pelo caminho encarregar-se de se construir também por si próprio, com consciência e trabalho. Sinto que as coisas vieram no momento certo, que não passei por cima de nenhum passo e que respeitei o natural desenvolvimento das coisas, e principalmente de mim. O meu percurso foi-se construindo piece by piece.

Sendo que já trabalhaste em várias frentes, teatro, televisão, performance. Em que tipo de trabalho te revês mais?

DUARTE Talvez a performance. Porque permite-me falar sobre mim com mais profundidade, e colocar-me no mundo. Sinto que ainda estou numa fase de descoberta. Gosto de corpo num pequeno ou grande ecrã, de corpo no espaço, de dizer palavras de outros como minhas e também palavras minhas como espelho às minhas inquietações. E também de me colocar em situações fora da minha realidade. A televisão e o cinema permitem-me isso.

Falavas da importância de falar deste tempo e das tuas inquietações e urgências?

DUARTE Para mim enquanto criador, ou intérprete-criador, é importante falar deste tempo e deste corpo, que carrega milhares de anos de história e outros milhares que estão por vir num futuro incerto e por certo não feliz se continuarmos na mesma direção. Gostei do trocadilho com a palavra certo, que também só por si é relativa (ri-se). Essa consciência é importante para o meu trabalho, perceber o antes e o depois para me situar no agora. E falar deste mundo em que vivemos, que me inquieta. As minhas inquietações variam, mas existem umas que persistem ligadas a temas amplos como o amor, a morte, geralmente assuntos que têm a capacidade de me desviar ou abalar. Mas também urgências, como palavras que te saltam da boca, como coisas que têm de ser ditas para se materializarem.

Que projetos é que te ocupam a cabeça neste momento?

DUARTE Eu estou sempre com a cabeça em vários lugares. Estou numa fase em que me permito a emergir em processos, porque a vida não pára e às vezes exige de nós coisas que não podemos dar, e conseguir permanecer sem me esquecer da porta de saída, que também é uma fase importante. Comecei há dias a gravar um filme do PAULO FILIPE MONTEIRO, onde vou contracenar com pessoas-referência minhas como o ROMEU RUNA e a CUSTÓDIA GALLEGO, estou a gravar novela já há alguns meses e tenho reposições de um espetáculo para a infância do PAULO LAGE. Ah, e a tirar mestrado, que me come o resto de tempo que tenho (ri-se).

Peço-te um desejo para as artes, para os próximos tempos?

DUARTE Que deixe de ser 1% o apoio do estado para a cultura.



casaco VANS
camisa ATELIER MISS SUZIE
anel e pregadeira ROCHA CARVÃO
sneakers FLY LONDON



óculos CHLOÉ
camisa MUSTIQUE
calças RICARDO ANDREZ
sneakers VANS

UNIFORMIZAÇÃO

MODA, VESTIR E IDENTIDADES

A partir de um texto de Filomena Silvano*

*Excerto retirado do livro *Antrologia da Moda*, de FILOMENA SILVANO. Editado pela Sistema Solar (Lisboa, 2021). FILOMENA SILVANO é antropóloga, Professora da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.



Exposição na Sotheby's do leilão 1921-2010: Les Petites Robes Noires, 140 Haute Couture items from the private collection of Didier Ludot, Paris, 2017

O papel das roupas na construção e afirmação das identidades étnicas e das identidades religiosas foi desde cedo identificado, sobretudo porque elas estão, numa parte considerável dos casos, associadas à ideia de traje. Um conjunto de peças de roupa que, como é o caso de alguns trajes, se afirma pela sua continuidade ancestral, associa-se facilmente a identidades que se socorrem também de ideias sobre raízes e perenidades culturais. Estudos antropológicos mostram também que as «roupas étnicas» podem ser usadas apenas em certas ocasiões, normalmente rituais, importantes para a manutenção de identidades étnicas de pessoas que, na vida quotidiana, não assumem de forma pública essas mesmas pertenças identitárias. É o caso do sari, que DANIEL MILLER e MUKULIKA BANERJEE (2003) consideram ser o único traje indiano que sobreviveu, com um elevado estatuto simbólico, a todas as alterações a que a sociedade indiana (bem como a diáspora indiana) foi sujeita durante o século XX. O sari mantém-se como um traje étnico que muitas mulheres usam apenas em situações ritualizadas – festas, casamentos – enquanto outras o usam também no dia-a-dia.

A partir dos anos 1960, na Europa e nos Estados Unidos da América, a obediência, no que diz respeito ao vestir, a uma lógica estrita de pertença identitária foi posta em causa. Os jovens passaram a poder «inventar» novos estilos, fugindo tanto das orientações dos seus pais, como das da moda.

“A partir desse momento, ficou claro que as escolhas de estilo de vida, e não as circunstâncias do nascimento – classe, religião, nacionalidade, raça, etnia – seriam os factores críticos para delinear, definir e criar o «nosso tipo de pessoa».” (Polhemus 2011: 64)

Abriu-se assim um vasto campo de actuação para a liberdade individual, o que constitui uma conquista, mas que se pode traduzir, para algumas pessoas, numa forma de pressão social difícil de ultrapassar. Definir, no interior dos constrangimentos que apesar de tudo existem, o «tipo de pessoa» que se quer ser, não é necessariamente uma tarefa fácil. Face a essa pressão, escolher uma modalidade daquilo a que POLHEMUS chama anti-fashion poderá ser uma boa opção de vida, visto que fixa um estilo e, conseqüentemente, reduz o investimento (estético, conceptual, emocional e material) que a criação de um estilo individual implica. A opção pelo uso de trajes étnicos, que associa de imediato uma pessoa a um grupo cultural e socialmente bem delimitado, é uma forma óbvia de afastamento da lógica de criação de um estilo próprio. Mas existem outras formas, menos óbvias, de abdicação dessa lógica mais centrada na individualidade. A maioria dos movimentos de estilo (adoptados sobretudo pela juventude e que começam sempre por ser inovadores) acabam, com o tempo, por se limitar à afirmação de uma constante no modo de vestir. Aquilo que inicialmente correspondeu a uma ruptura de estilo e a uma inserção num grupo juvenil, pode acabar, mais tarde, por se transformar numa forma de recusa da instabilidade provocada



Paul Pairet, 1921, em 140 Haute Couture items from the private collection of Didier Ludot, Paris, 2017



Balenciaga, 1953, em 140 Haute Couture items from the private collection of Didier Ludot, Paris, 2017



Pierre Cardin, 1969, em 140 Haute Couture items from the private collection of Didier Ludot, Paris, 2017



Jeanne Lanvin, 1938, em 140 Haute Couture items from the private collection of Didier Ludot, Paris, 2017



Modelo veste criação de Christian Dior

pela moda. Nalguns casos, esses movimentos implicam transformações irreversíveis dos corpos (tatuagens, escarificações), o que coloca necessariamente os indivíduos que os seguem numa área de imobilidade identitária.

DANIEL MILLER identificou uma outra forma de reacção ao imperativo da composição estilística de uma imagem de si próprio. Trata-se de escolhas de modos de vestir que se caracterizam pela não diferenciação (ou pela diferenciação mínima) no interior de uma cultura global. Num estudo sobre o uso de blue jeans, MILLER concluiu que uma parte significativa das mulheres migrantes que, vindas de vários continentes, chegam a Londres, opta por vestir jeans, nas suas versões mais simplificadas e uniformizadas. Essa escolha prende-se com a vontade de se diluírem no anonimato da cidade: recém-chegadas à grande metrópole, essas mulheres consideram que a melhor forma de se inserirem no seu tecido social é integrarem a massa anónima que o constitui.

“Isto acontece porque os jeans se tornaram provavelmente na primeira roupa pós-semiótica, no sentido de não indicarem nada senão a sua vulgaridade, o que corresponde a um dos ideais da ecúmena global.” (Miller 2010: 421)

Num certo sentido, o mesmo acontece com a opção, em contexto social sofisticado, de usar um vestido preto de cocktail (um clássico que foi inventado nos anos 1920 e que teve em COCO CHANEL e em EDWARD MOLYNEUX dois grandes divulgadores). Como refere DANIEL MILLER (2004) (num texto intitulado «*The Little Black Dress is the Solution, but What's the Problem?*»), a liberdade que conquistámos para nos vestirmos sem normas estritas cria uma ansiedade, relativa ao resultado que as nossas escolhas podem ter nos nossos relacionamentos sociais, que o pequeno vestido preto permite ultrapassar. A frase, de uso corrente, «com o meu simples vestido preto, eu nunca me comprometo», dá conta dessa associação entre a escolha do pequeno vestido preto e a fuga ao escrutínio social. A camisa branca, uma peça de roupa considerada, como o LBD (Little Black Dress), indispensável num guarda-roupa feminino, permite, embora de outro modo, o mesmo tipo de recusa face à exigência de escolher, para cada situação, uma roupa que seja ao mesmo tempo diferenciadora (para dar forma à identidade pessoal) e socialmente adequada (para se ser aceite pelos outros). Como afirma FRANCES CORNER (2016), ela é tão versátil que parece ser apropriada para qualquer situação: em *The Misfits* (do realizador JOHN HUSTON (1961)), MARILYN MONROE surge com uma camisa branca vestida (no deserto do Nevada, entre cavalos e cowboys), PATTI SMITH tem uma camisa branca vestida na foto da capa do álbum *Horses*, editado em 1975, SHARON STONE veste uma camisa branca com uma saia de cintura subida na entrega dos Óscares de 1998 (e JULIA ROBERTS opta por uma combinação semelhante – uma camisa por baixo de um vestido sem mangas – em 2014). Em Abril de 1992, na capa da edição comemorativa dos 100 anos da Vogue EUA, dez top models são uniformizadas pelas camisas brancas (e pelos jeans também brancos) com que estão vestidas. Ao longo de um século, milhões de outras mulheres optaram, no mundo inteiro, por vestir camisas brancas, em situações tão díspares como tomadas de posse de cargos políticos, reuniões de negócios, rituais de família ou idas ao supermercado.

Nota do editor:

Numa altura em que se fala mais sobre a importância da originalidade do vestir para o desenho das identidades dos sujeitos, pensamos referir a importância da uniformização do vestir, que pode também corresponder a uma estratégia desenvolvida pelos indivíduos na conquista da sua liberdade e na construção das suas identidades.

2021: OUTRA ODISSEIA NO ESPAÇO

texto Manuela Marques
foto Leonor Fonseca



«ARENA»

de 25 Novembro a 19 Dezembro 2021, na GARAGEM DO CHILE, Lisboa

direção SÍLVIO VIEIRA | interpretação ANABELA RIBEIRO, ANDRÉ CABRAL, CATARINA RABAÇA, INÊS REALISTA, MIGUEL GALAMBA, MIGUEL PONTE e PEDRO PEÇAS | colaboração NÍDIA ROQUE, cenografia e figurinos ÂNGELA ROCHA | desenho de luz MANUEL ABRANTES | assistência de cenografia DIOGO GONÇALVES | fotografia LEONOR FONSECA | vídeo ANTÓNIO MENDES | operação de luz JANAINA GONÇALVES | produção OUTRO

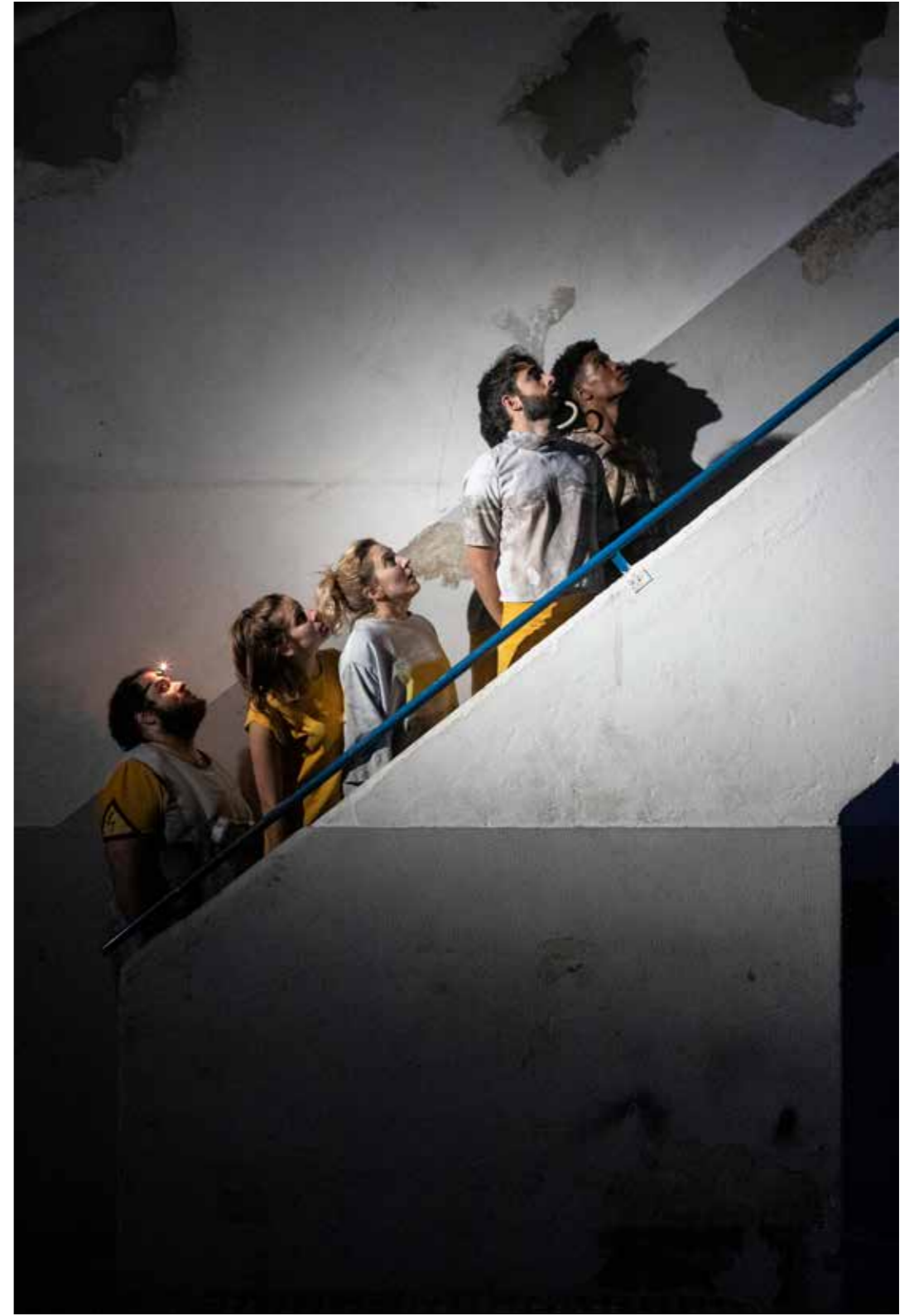
Arena intitula o mais recente trabalho do OUTRO, dirigido por SÍLVIO VIEIRA, é uma peculiar incursão espacial para resgatar a imaginação e a beleza, lugar imerso num silêncio abafado pelas vicissitudes voláteis de uma sociedade tecnificada e ruidosa –a nossa.

Em conversa, pós ensaio, o encenador concordou com a ideia de que, em pleno século XXI, apesar da constante sofisticação no ato de comunicar, estamos a perder a capacidade de ouvir, de nos ouvirmos, declarando que: «há uma velocidade estonteante, que não se coaduna com o nosso potencial de apreensão do que nos circunda, ou seja, há um ritmo interno e externo: o ritmo que precisaríamos para nos conectarmos verdadeiramente e o ritmo a que realmente, hoje, tudo acontece, e talvez por isso as coisas fiquem tão vazias...» Quiçá, e conseqüentemente, de forma a combater essa surdez iminente, este espetáculo constrói-se e experiencia-se pela ação de escutar, em escuta ativa, tanto internamente –dentro de cena, entre o elenco e a equipa–, como externamente quando ampliada à presença do público.

Arena existe simplesmente, num exercício sério de beleza, constituindo-se como uma obra disruptiva, instintivamente por reação aos movimentos e temas politizados que a arte usa estrategicamente para se posicionar e/ou estabelecer, inclusive institucionalizar. Pressupondo-se que o ato artístico apartou, há muito, a missão da arte pela arte, na procura do belo, sem se cingir por demandas fraturantes de teor político ou de urgência ideológica, ou seja, pensar e produzir um objeto de arte deixou de ser um gesto de resistência íntima, e imparcial, para se dispor mais como instrumento reivindicativo.

Como tal, foi com astúcia, sensibilidade e verdade que SÍLVIO teve a coragem de romper e contrariar as dinâmicas atuais, fazendo valer o seu direito de liberdade artística, ao conceber esta peça. Oportunidade que se tornou efetivamente viável, dado à sua singular conjuntura, uma vez que este é um dos projetos financiado pelo Ministério da Cultura, ao abrigo do Programa Garantir Cultura –medida extraordinária, não concursal, que permitiu a atribuição de verbas, quase imediata, a diversos artistas para desenvolverem a sua atividade–, e posteriormente conseguiu, também, o apoio da Câmara Municipal de Lisboa –um bónus, como referiu o encenador–, que veio assegurar maior conforto à decisão de realizar o espetáculo numa sala não convencional.

Nesta obra é impraticável dissociarmos o *mise-en-scène* de *Arena* do local onde reside –a Garagem–, porque se revela ser componente central na peça. SÍLVIO explica que: «aqui o espaço é tão concreto e específico, pela sua arquitetura, que o espetáculo acabou por se contaminar por ele (...) diria que foi o elemento mais inspirador no processo de criação, até do que as referências originais que tínhamos na proposta teórica. Não é possível ignorá-lo quando o temos de habitar. E interessa-me muito poder dialogar com os espaços onde apresentamos. Contudo, a



vontade de ter um lugar próprio já existia antes de o conseguir (...) sendo uma companhia jovem, estamos sempre mais condicionados e mesmo que se esteja já programado por um festival ou um teatro, lidamos sempre com constrangimentos de logística ou limitações artísticas, algo que não sucede quando se possui autonomia de espaço, que apesar de dar muito trabalho, nomeadamente burocrático, dá imenso gozo e é bastante libertador.»

Esta *Arena* é terreno de permanente descoberta, em que redigir a sua narrativa revela-se numa odisséia com detalhes que evocam memórias, visuais e sonoras, de imagens cinematográficas –do filme realizado por KUBRICK em 1968–, especialmente pelo ímpeto da curiosidade, na exploração e interação com objetos e pelo confronto com o desconhecido. A peça possui um universo muito particular, que emerge pela relação do Corpo-coletivo Jan a habitar um espaço –integrante da malha urbana, a Garagem do Chile–, construindo a vivência de um dia-a-dia sem imprevistos nem conflitos, onde tudo sucede ordeiramente, até se deparar com uma figura estrangeira –o Astronauta (exímia interpretação de ANABELA RIBEIRO)–, que chega sem aviso prévio e desencadeia simultaneamente surpresa e suspeita.

Jan é uma espécie de entidade pulsante, massa de corpos, cujo os intérpretes que a compõem parecem figurar fatores inerentes à vida, e que a potenciam, como seja: a luz (PEDRO PEÇAS), o som (MIGUEL GALAMBA), o ritmo (ANDRÉ CABRAL), a curiosidade (INÊS REALISTA), o risco (CATARINA RABAÇA) e o engenho (MIGUEL PONTE).



Em *Arena* há isenção de Palavra como expressão, qualidade que permite uma rara comunicação com o público, aberta e sem contaminar a sua interpretação. Quando interrogado sobre o porquê de dar voz ao silêncio, retirando ao discurso (da cena) o código verbal, o encenador respondeu que: «em Teatro, o espectador está muito habituado e condicionado para procurar logo, à partida, o fim da história, por isso nesta proposta parece que se oferece uma história mas depois ela começa a dissolver-se (...) o Texto é uma ferramenta fortíssima que pode dominar completamente toda a percepção do espectador em relação aos elementos mais abstratos da peça, e tudo de repente passa a ser visto por essa lupa –da narrativa–, é um perigo que reduz a potencialidade da abstração, (...) a Palavra é muito determinante, e o teatro muito textocêntrico, mesmo quando não o quer ser, acaba por ser, e por isso quis muito lançar-me para este abismo.»

O silêncio oferece um ambiente propício à contemplação, assim como possibilita a existência, é o princípio do som, os especialistas (musicólogos) defendem que a Música surge antes da Palavra, e neste projeto apenas há apontamentos sonoros, lampejos que evidenciam a quietude de cada paisagem.

Curiosamente, não tendo sido intencional, esta opção pela ausência da Palavra confere, ainda, ao espetáculo o benefício da inclusividade na captação de públicos, tornando-o acessível para uma franja de pessoas que necessitaria de tradução.

Arena guia-se pelo sentido, despe-se de vocábulos elaborados e reabre a dimensão do quimérico. Logo o seu nível de inteligibilidade, de que forma chega e o que comunica com a audiência, é uma inevitável incógnita - um receio que Sílvio Vieira confessou ter, por arriscar e nos presentear com tão singela criação.



ISAAC ALFAIATE começou como modelo mas aos 17 anos estreou-se como ator na série juvenil *Morangos com Açúcar* e, desde então, passou a ser cara assídua na televisão portuguesa. Em entrevista à PARQ ficamos a conhecer mais as suas perspetivas sobre o sucesso, assim como a sua relação com a moda.

ISAAC ALFAIATE

entrevista SARA MADEIRA
fotografia JOÃO BARREIROS
assistido por NUNO RESPEITA, JORGE VALE,
CLÁUDIA de MELO | retouching por JORGE VALE
moda TIAGO FERREIRA
assistido por MARGARIDA VENÂNCIO
make-up VERÓNICA ZOIO | hair PAULO FONTE

Conheceste o sucesso muito cedo, em que é que isso marcou a tua trajetória de vida?

ISAAC É verdade, comecei a fazer televisão muito novo, tinha apenas 17 anos. Comecei a trabalhar como modelo aos 15/16 anos e então comecei a sair de casa, no Algarve, aos fins de semana, para vir para Lisboa ou para o Porto trabalhar e, isso, de certa forma, foi um grande contributo para a minha adaptação quando vim para Lisboa viver. Apesar de não ter sido fácil nos primeiros tempos, depois habituei-me. Em relação à popularidade que tive na altura por causa do meu primeiro trabalho em televisão nos *Morangos com Açúcar*, posso confessar que inicialmente me fez alguma confusão porque não estava de todo habituado ao reconhecimento das pessoas na rua, às abordagens diárias, mas também foi uma questão de tempo para achar mais normal e, hoje em dia, é algo com que lido com muita naturalidade e sinto-me grato por isso. É a prova de que as pessoas admiram o meu trabalho.

O sucesso foi ou é algo que é importante para ti?

ISAAC Não, o mais importante para mim é fazer bem o meu trabalho. Trabalhar bem todas as personagens que me são entregues. Obviamente que todos nós gostamos de ter sucesso na nossa carreira, é o nosso barómetro de um bom trabalho.

Como foi a transição de jovem modelo a dar os primeiros passos para uma série televisiva que te dava mais visibilidade?

ISAAC Pensei que fosse mais fácil, na verdade. Foi o meu primeiro trabalho “a sério”, onde tinha horários para cumprir, textos para decorar, muitas horas de gravação... E era a primeira vez que lidava com esta responsabilidade. Também não foi fácil a grande exposição que tivemos tal foi o fenómeno da série. Como referi anteriormente, fez-me alguma confusão inicialmente, o reconhecimento das pessoas na rua era algo que não estava habituado.

Continuas a ser uma figura que continua ligada a moda, continuas a ser procurado para participar em desfiles, que importância dás a esses momentos?



sobretudo DRIES VAN NOTEN
na Stivali

sobretudo DRIES VAN NOTEN
calças e botas BOTTEGA VENETA
na Stivali



ISAAC É sempre bom voltar às passerelles, apesar de hoje em dia já não ser uma coisa que me preencha. Mas gosto de o fazer de vez quando.

Pessoalmente és uma pessoa que gostas de seguir as tendências? Qual a importância da moda na tua vida?

ISAAC Vou ser muito sincero. Nunca liguei a tendências. Acho que tenho o mesmo estilo há já vários anos... Gosto de me vestir bem, tenho alguma atenção às escolhas que faço, mas sempre tive um estilo bastante simples. Dou uma vista de olhos de vez em quando às novas coleções e às tendências, mas apenas quando tenho que me vestir para uma ocasião especial.

Com as redes sociais, os atores, modelos tem uma visibilidade muito maior, como geras a tua presença nas redes sociais?

ISAAC Hoje em dia as redes sociais fazem parte da nossa vida, são uma ferramenta de trabalho e acho que de uma certa forma vieram ajudar a que houvesse uma “aproximação” com as pessoas que gostam de nós e seguem o nosso trabalho. Atualmente, podemos partilhar com as pessoas momentos do nosso dia a dia que de outra forma não seria possível e acho essa uma partilha positiva.

Tens uma relação de amor ódio com as redes sociais?

ISAAC Penso que não.. Aliás, não tenho relações de ódio com ninguém! (risos!). Acho que temos que estar alerta apenas com o tempo perdemos com as redes sociais. Acho que trouxeram muita coisa boa, mas é importante não exagerar nas horas que passamos nelas.

E como recibes o amor que as pessoas te dedicam?

ISAAC É sempre bom receber amor das pessoas. Acho que qualquer artista gosta de receber o bom feedback das pessoas que seguem o nosso trabalho. É sempre bom receber uma boa crítica ou até uma má... desde que seja construtiva, claro.

E o ódio, também acontece? Como geras isto?

ISAAC Felizmente nunca tive nenhuma situação menos boa.. com as redes sociais, por vezes, deparo-me com algum comentário menos bom, mas é normal. Não conseguimos agradar a toda a gente, nem tenho essa ambição, mas até esse tipo de comentários são raros nas minhas redes... felizmente.

Sentes que tens a imagem ideal do homem português?

ISAAC Acho que o mais importante é sentir-me bem comigo próprio. Acho que a imagem ideal não existe. E acho que, acima de tudo, o mais importante é sermos felizes!

Sei que desenvolveste um plano b como profissional e tens uma marca de roupa desportiva. Como está a correr?

ISAAC É verdade, sempre tive o desejo de ter um negócio paralelo à minha profissão e, em conjunto com a minha namorada, decidimos criar a nossa própria linha de desporto. Apesar de ser muito trabalhoso, porque somos apenas os dois que tratamos de tudo na empresa, desde desenhar a coleção, a tratar das encomendas diariamente para as nossas clientes, está a correr muito bem e o feedback das clientes tem sido incrível.

Como gostas de passar o teu tempo livre?

ISAAC Eu sou um viciado em exercício físico, então passo muito do meu tempo livre a fazer desporto, mas também gosto de dar passeios com os meus cães e de viajar. Adoro viajar!



puffer KRISJOY
calças JIL SANDER na Stivali



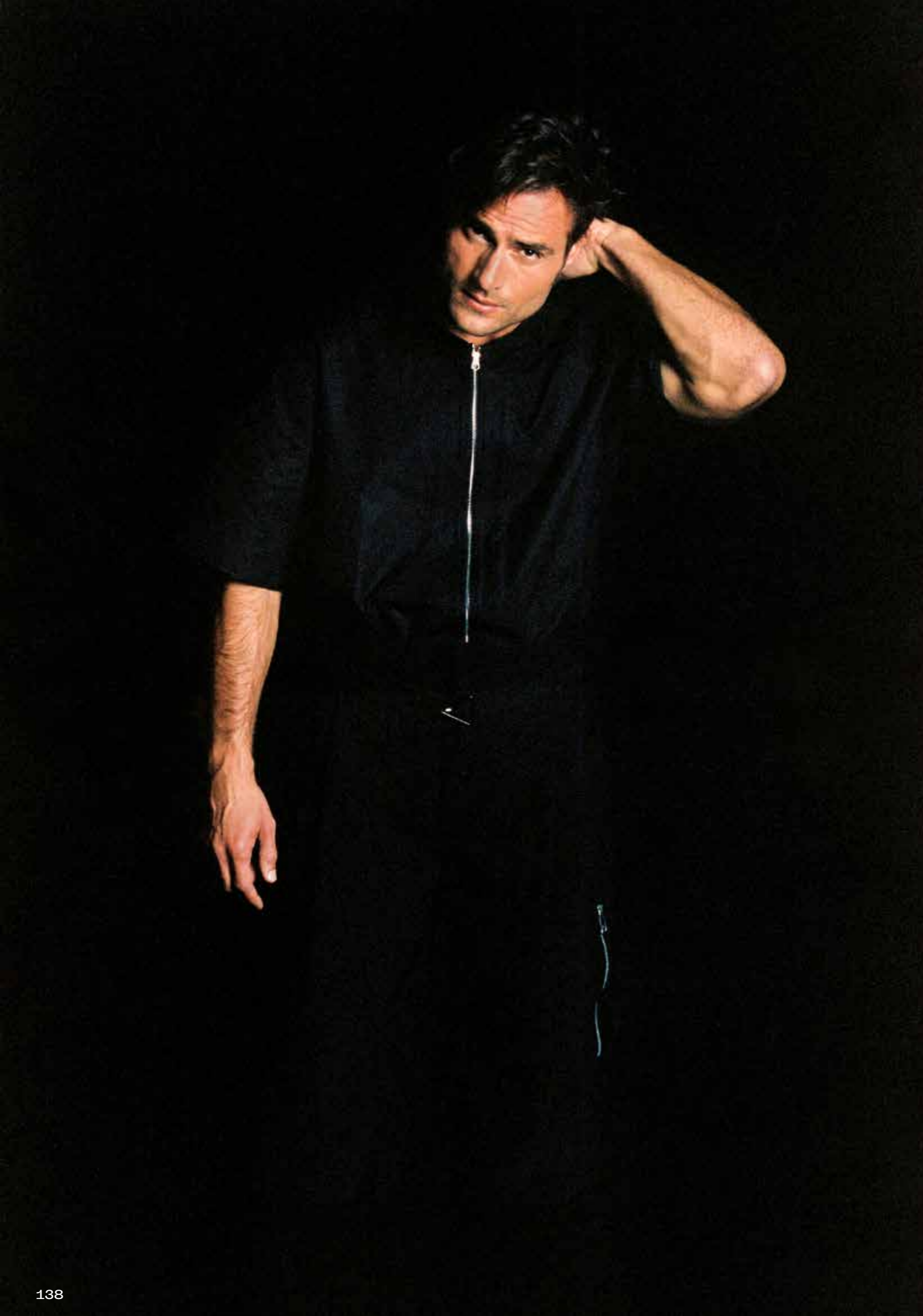
total look BOTTEGA VENETA
na Stivali



camisa JIL SANDER
na Stivali



total look BOTTEGA VENETA
na Stivali



camisa JIL SANDER
calças BOTTEGA VENETA
na Stivali

Tendo como referencia a obra do arquiteto britânico CHARLES FRANCIS ANNESLEY VOYSEY, inspirador do movimento Art Nouveau, a coleção de Holiday da LOEWE junta a sua extravagância com o espírito divertido da LOEWE.

fotografia TYLER MITCHELL para Maison Loewe



casaco em malha com padrão jacquard
e inspiração Voysey, LOEWE



na árvore seleção de LOEWE small leather goods



look total LOEWE
com carteira Elephant Basket em feltro e pele
carteira Small Hammock Herbarium Bag
tênis Flow Runner

look total LOEWE com acessórios
cachecóis em mohair
carteiras Small Woven Basket Bag
ao pescoço Elephant pocket
pantufas em pêlo de carneiro





I PUT
A SPELL
ON YOU

fotografia FRANCISCO HARTLEY
styling ANA SILVA creative direction ANA SILVA e FRANCISCO
HARTLEY make-up FILIPA VILLAR AFONSO hair DIOGO LOURENÇO
modelos KRESMIR, MAURA SOARES



top ESTELITA MENDONÇA
calças BERSHKA
óculos BALENCIAGA na ANDRÉ ÓPTICAS



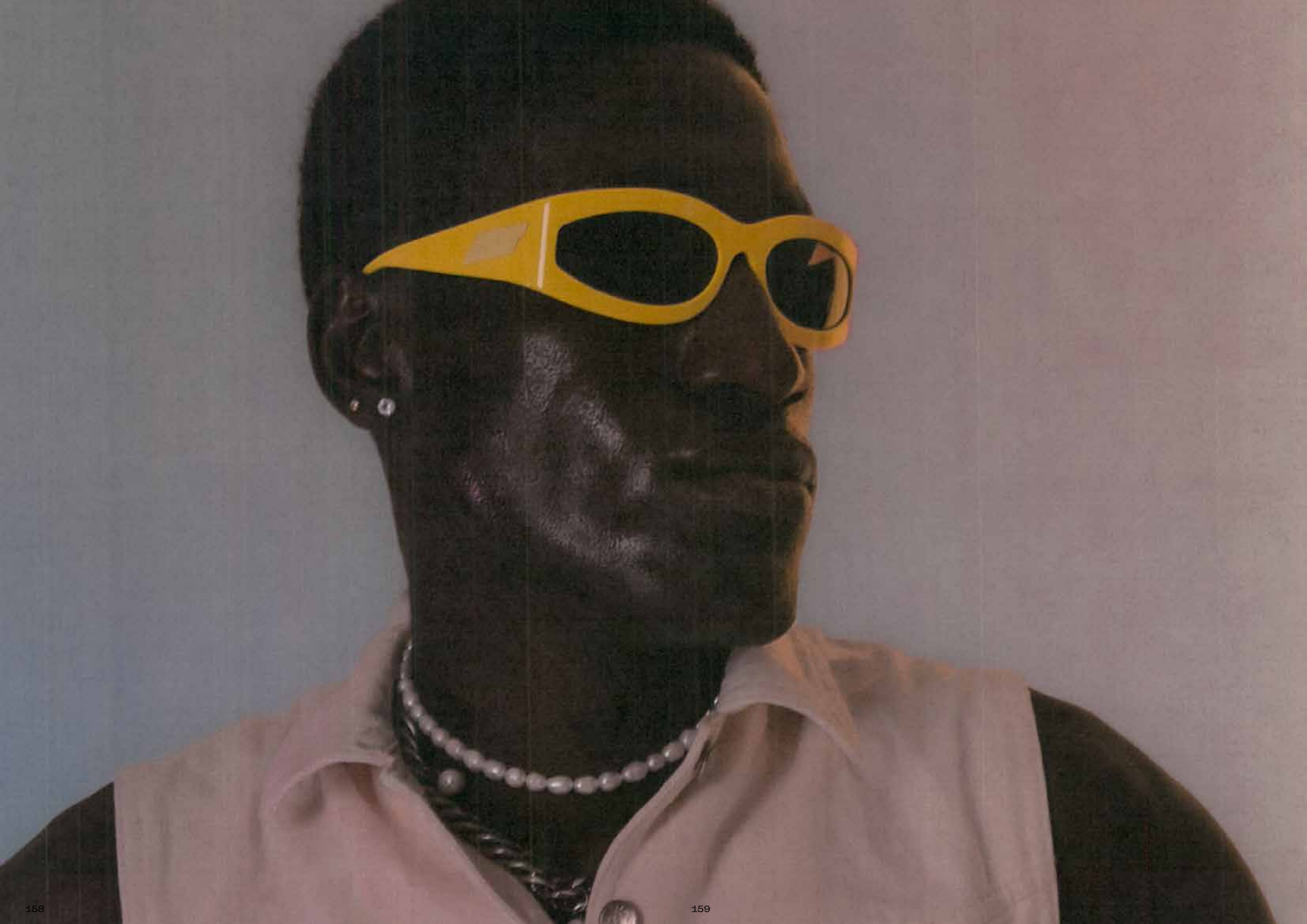




casaco HUGO COSTA
casaco PVC GABRIEL DAROS
fato de treino HUGO COSTA
óculos BALENCIAGA na ANDRÉ ÓPTICAS



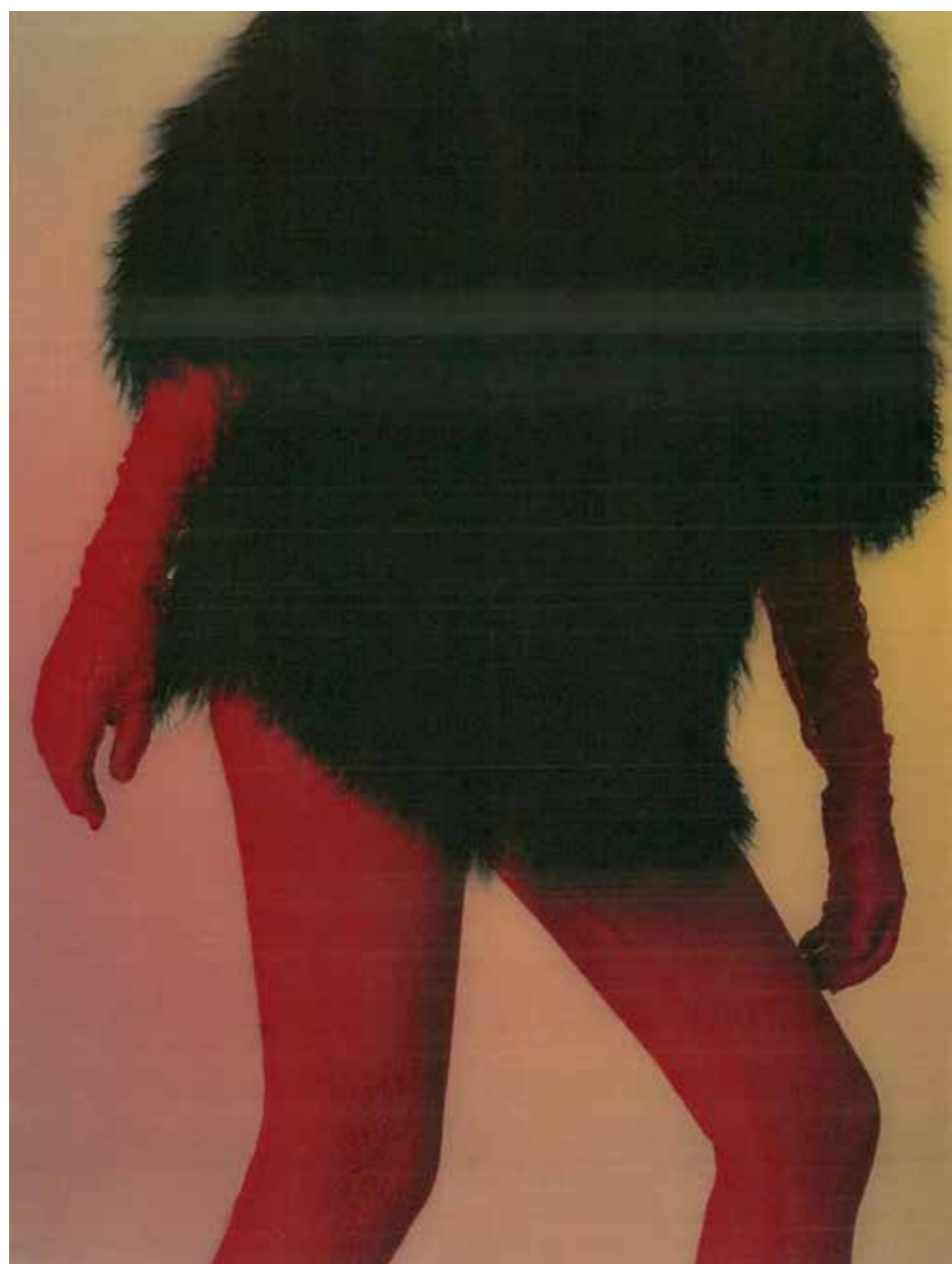
casaco LACOSTE
camisa puffer LACOSTE
calças BERSHKA
sapatos UGGS SHOES





top VINTAGE
calças bershka
óculos BALenciAGA na ANDRÉ ÓPTICAS





bodysuit TIAGO BESSA
sapatos BUFFALO SHOES
casaco VINTAGE
óculos VINTAGE TOM FORD na ANDRÉ ÓPTICAS







SAD PARTY

fotografia PTTER VENTURIN @ptter.v
styling MAURO OSÓRIO @_mauroosorio e TERESA SILVA @tmfsilva
make-up TIFFANY PINHO @makeuptiffanys
hair RITA OLIVEIRA @ritaoliveira_makeupartist
modelos ALEXANDRE MARQUES @alex_marques17 @elite_lisbon,
CAROLINA AZEVEDO @carolinaa_azevedo @centralmodels



camisa e calças @ines.torcato
top @zara
brincos @modjewellerydesign



blusa e calças @bershka
top @veehana



camisa @zara
corrente @modjewellerydesign



blusa e calças @bershka
top @veehana

camisa e calças @zara



vestido @kooofficial
top @dino_alves_eu



calças e brincos @zara
corrente @modjewellerydesign



top @bershka

colar @zara



MAISON LOEWE

texto Francisco Vaz Fernandes

Depois de muitos anos a marcar presença num pequeno espaço, anexo ao hotel Tivoli, a LOEWE abre ao público a sua Maison num espaço térreo de 400m² situado num edifício histórico na Avenida da Liberdade, a mais luxuosa via de comércio e principal destino para compras premium da capital portuguesa. Agora, podemos encontrar coleções completas, promovendo uma experiência de compras que quer ir além do espetável. Há uma conceção de espaço e de vivência que é uma celebração da criatividade e da vida. Para isso, apostaram num volume interior quase neutro com expositores neutros que convivem com a ideia de um espaço de arte e design com a qual a marca está comprometida.

É de salientar o percurso da marca que começa, originalmente, com uma loja de luxo na Gran Vía, destinada a uma clientela seleta de Madrid e que, através do grupo LVMH é catapultada para o mercado premium global. Para esse sucesso, contou certamente o diretor criativo, o inglês JONATHAN ANDERSON, que fez a leitura correta

do espaço que a LOEWE podia ocupar no mundo. Soube construir um imaginário alicerçado nas tradições da marca, mas também na imagem nostálgica da Espanha, na sua mediterraneidade, trazendo coleções que expressam bem uma nova ideia de luxo. Matérias nobres, naturais e handmade na execução tornaram-se uma base apetecível, para um público mais consciente das questões climáticas e que contesta as estruturas tradicionais da indústria da moda. LOEWE trouxe para este público uma lógica “Low” de viver a sul, nomeadamente o tempo que tanto se refere na produção, como no seu usufruto.

A loja expressa bem, novo posicionamento da LOEWE e, não havendo a ideia de uma loja padrão da marca, o próprio diretor criativo, JONATHAN ANDERSON concebeu e envolveu-se nas singularidades que podemos encontrar neste espaço único. Por isso, esta MAISON LOEWE podia bem ser a casa de JONATHAN ANDERSON, porque não faltam detalhes em termos de peças de design e peças de arte do seu gosto pessoal. A começar, encontramos as colunas revestidas a azulejos manufaturados na VIÚVA LAMEGO que convivem com as icónicas poltronas UTRECHT e cadeiras *Steltman* de GERRIT THOMAS RIETVELD, e a mesa *Floating Stone* de AXEL VERVOORDT. Para além destas peças clássicas de design há ainda espaço para os novos designers com quem a LOEWE tem estado comprometida a partir de um programa da LOEWE FOUNDATION. Retirados do Craft Prize 2019 incluíram na loja a escultura *Dichotomy* (2019), do artista britânico HARRY MORGAN, que recebeu uma menção especial. Incluíram também a *Collection of Contained Boxes* (2018), uma composição de três peças da artista britânica, ANDREA WALSH. Estas peças partilham o espaço com *Bowl* (2014), uma obra de cerâmica do artista japonês, TAKURO KAWATA, e com uma série de vasos feitos de carvalho esculpido por JIM PARTRIDGE e LIZ WALMSLEY. Existe ainda uma peça da artista brasileira, ERIKA VERZUTTI que ganhou maior protagonismo, uma vez que se tornou a imagem do convite de abertura da loja.

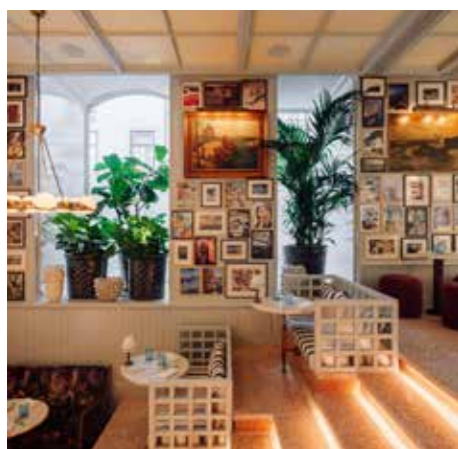
A CASA LOEWE Lisboa está pronta para nos receber, reúne as linhas completas de pronto-a-vestir, marroquinaria, joalharia e acessórios, de Homem e Mulher, um universo abundante onde é fácil perdermo-nos.

CASA LOEWE LISBOA
Avenida da Liberdade, 207
1250-148 Lisboa



THE IVENS HOTEL & ROCCO

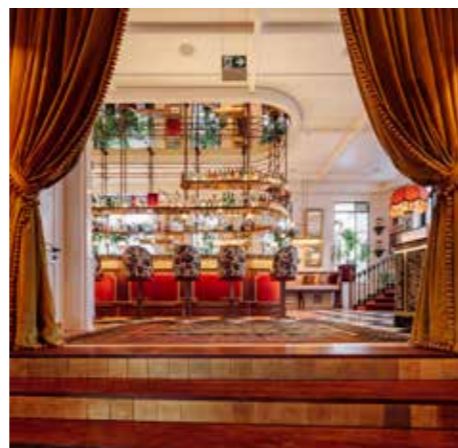
texto Francisco Vaz Fernandes



Ao contrário do passado, os hotéis são cada vez mais peças-chaves na vida social de uma cidade. Essa transformação que verificamos há algum tempo fez com que a morfologia dos hotéis se alterassem e que as suas partes sociais estivessem mais expostas, fazendo com que zonas de restauração e bar aparecessem viradas para a rua, ocupando assim o primeiro plano do conjunto. O THE IVENS é um hotel detido pela Seguradora Tranquilidade, mas gerido pela equipa do LX BOUTIQUE HOTEL. Segue a mesma tendência ao propor que ao nível térreo seja uma espécie de zona de aparato com múltiplas funções, sendo os andares superiores mais reservados, exclusivos aos hóspedes. Para isso contribuiu e em muito o já muito conhecido decorador espanhol, LÁZARO ROSA-VIOLÁN. Com outras obras em Lisboa, criou vários ambientes diferenciados numa profusão decorativa, que é já seu atributo. Marcando o espaço de cada função, os pisos térreos são um antídoto ao minimalismo e uma espécie de pastiche de várias tendências decorativas das últimas décadas ilustradas em revistas de decoração. Sendo assim, ao transpor a porta do hotel deparamo-nos com um ambiente constituído por uma lareira e vários sofás, a perspetiva ideal da sala de família, materializada na imagem da casa da montanha que certamente os nossos avós sonharam. Se desviarmos os olhos para outros cantos encontramos exotismo dado pela memória das aventuras do explorador Roberto Ivens em África.

A entrada para a zona mais pública do hotel, faz-se pela esquina oposta, onde o tráfico pedestre aumenta. *Rocco* podemos ler à entrada, enquanto o porteiro gentilmente nos abre a porta, convidando-nos a imergir numa área de sedução para todos os sentidos. É-nos servido aos poucos, porque é impossível alcançar a sua totalidade só num primeiro olhar. Patamares desnivelados oferecem várias áreas, a começar pelo *Gastro bar* que tem uma posição central. Segue-se a opção subir um nível e alcançamos o *Crudo*, um bar mais recatado especializado em ceviche e marisco em geral. Se descemos um nível entramos no restaurante, especializado em comida italiana e carne maturada. Depois disso ainda existe um terraço que promete fazer as delícias do próximo verão. Cada zona referida foi pensada para ter um ambiente diferente e por isso circular pelo espaço é descobrir

detalhes, é ser surpreendido pela ousadia: Certamente LÁZARO ROSA-VIOLÁN, pensou na ideia de aventura, tomando o exemplo de ROBERTO IVENS que explorou em África um território desconhecido. O balcão do *Gastro bar* e a zona envolvente remete-nos para um choque entre os anos 20 e os 80, marcado por uma exuberância decorativa, de texturas e de materiais. Essa grandiosidade anda a par com as referências marcadas tanto na carta de bar como na de vinhos. Oportunidade é a palavra-chave para descrever o quadro geral. Já, entrando no recatado *Crudo* parece que somos convocados para a casa de Praia, para a Riviera francesa nos anos 60. Por fim o Restaurante, tem algo do requinte do Expresso do Oriente. O culminar de todo o percurso que nos leva a uma exaustão dos sentidos, será certamente a chegada aos lavabos com referências à flora e à fauna exótica replicada ao infinito pelos jogos de espelhos. Abertos a todos os géneros, sem exclusões, o THE IVENS HOTEL é o hotel de todos e para todos.



THE IVENS HOTEL
Rua Capelo, 5
Chiado, Lisboa

ROCCO
Rua Ivens, 14
Chiado, Lisboa

T. 210 543 168

DAHLIA

texto Francisco Vaz Fernandes

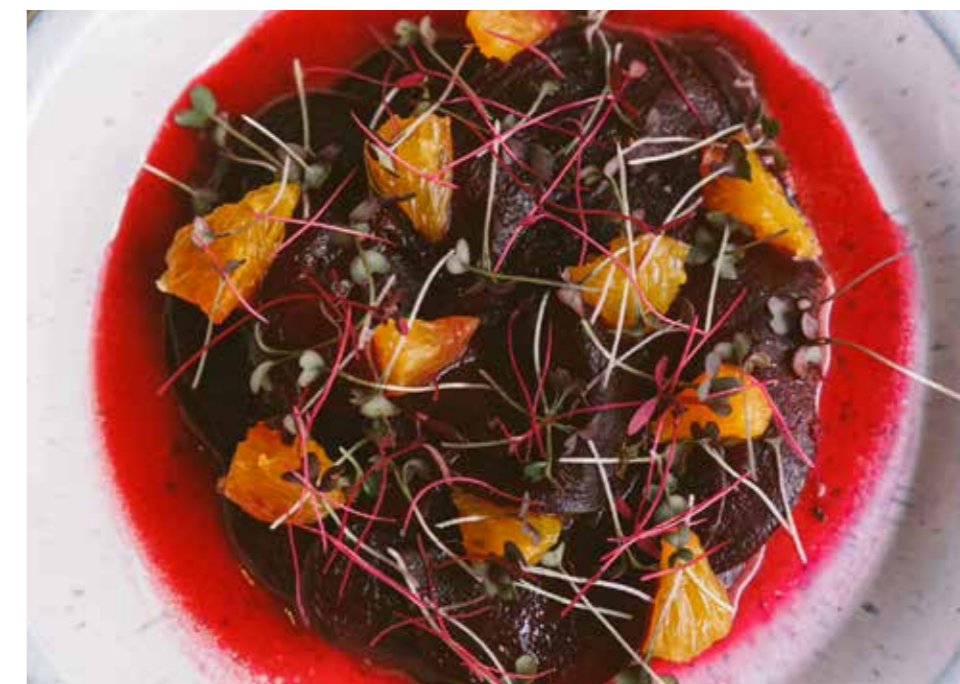


DAHLIA
Travessa do Carvalho, 13
Cais do Sodré - Lisboa

Ter. → Sáb.
18h30 → 01h00
(cozinha encerra às 23h)

Estar no Cais do Sodré e sentir-se atraído pela singularidade de um som deslocado no tempo, algo com o groove dos anos 50 é o primeiro passo para entrar no DAHLIA. Este novo espaço foi concebido por 4 amigos ingleses que se encontraram em Lisboa e renderam-se aos encantos da nossa cidade. Por isso o bar tornou-se mais um justificativo para ficarem e partilharem a sua experiência de vida com um público alargado. O ADAM PURNELL é o rosto mais visível, peça-chave para a dinâmica do bar. O sorriso de boas vindas diz-nos que não foi difícil convencerem-nos a trocar Berlim por Lisboa.

O DAHLIA é um listening bar, um conceito que trouxeram do Japão onde um dos sócios viveu. Todos tinham uma relação forte com a música, especialmente com os registos em vinil, que colecionam de longa data. Não referem números mas, no conjunto, têm uma coleção impressionante, que se encontra em parte disponível no DAHLIA. A coleção é eclética e naturalmente passa por muitos hits de gerações bem anteriores ao nascimento de qualquer um deles. O prato dos discos a rodar tem magia, está logo a entrada e o som nostálgico marca a identidade desse local. O resto, a decoração num estilo vintage vem por acréscimo.



Para além dessa singularidade, o DAHLIA diferencia-se ainda, por uma peculiar carta de vinhos naturais. Os clientes podem escolher entre uma seleção de 20 referências, tanto nacionais, como internacionais (Espanha, França ou Nova Zelândia) que vão sendo regularmente renovadas. Procuram oferecer vinhos de pequenos produtores que utilizam técnicas alternativas, sem recurso a produtos químicos, e pretende com isso divulgar este setor a ganhar cada vez mais notoriedade, e mais adeptos.

E porque um copo pede um petisco, oferecem para acompanhar uma carta, com pratos para partilhar, inspirados no Médio Oriente. Propõe entradas como o Flatbread caseiro (3€) ou as Chips de raízes de vegetais (4,5€). Já na secção dos "vegetais", produtos em destaque no menu, encontramos pratos como a Couve-flor caramelizada, chimichurri, creme de amêndoas (7,5€) e o Pepino, pickle de maçã verde, azeite de sementes de abóbora (6,5€). Todos os pratos de vegetais têm opção vegan. Camarão selado, chilli bisque, kimchi (10,5€) e Costeletas de borrego seladas, cominhos, queijo caseiro (13,5€) são outras das propostas gastronómicas dos chefes. Para rematar a refeição, o DAHLIA propõe, por exemplo, o Bolo de chocolate, sabayon de sésamo preto (5,5€).

Certamente um novo poiso no Cais do Sodré, cheio de argumentos, para voltarmos.



FESTA
CASA LOEWE LISBOA
Dinner & Party
24 Nov. Palácio do Grilo, Lisboa



EQUILIBRISMO DE OPINIÕES

ilustração NICOLAE NEGURA

Agora é tão comum e habitual dizermos que fazemos o que queremos, e que a opinião dos outros não importa. Acho que tentamos convencer primeiro os outros e só depois é que nos tentamos convencer a nós. Nem sempre resulta. Nem para os outros, nem para nós. Tenho por hábito observar as atitudes de quem prega aos sete mares e sete ventos. E guardo-as para mim. No mínimo, há sempre a opinião de alguém que nos importa e no máximo há a opinião de toda a gente. Toda a gente conhece pessoas que parecem agradar o mundo, entre a simpatia e diplomacia existe um sentimento de necessidade de reconhecimento, a necessidade de ser aceite. Talvez seja por isso, que se adaptam constantemente e escondem as suas verdadeiras vontades. E, aqui é um jogo perigoso porque com o passar do tempo, sem a própria pessoa se aperceber já nem sabe muito os seus verdadeiros gostos, pensamentos e emoções. Depois temos as pessoas que só dizem o que querem e fazem o que querem. No fundo, não é bem assim, porque no dia em que arcam com as consequências directas desta atitude "I dont fucking care" é exactamente aqui que o jogo muda. Para a audiência mostram zero arrependimento e secretamente pretendem sentir os louros da sua atitude verdadeira. Não importa o caminho, ou o que está certo ou errado. Admitamos apenas que em qualquer dia, ou

em qualquer lugar, a opinião dos outros vai ter importância. Para uns mais, outros menos, mas será inevitável. As opiniões podem criar balizas, podem fazer com que sejamos mais conscientes. Desde que não nos limite e condicione a felicidade. Há que aprender a lidar com as expectativas dos outros. Só as expectativas que nós já temos sobre a nossa própria vida já são um cabo dos trabalhos. Gostava de acrescentar que nem sempre as pessoas que aparentemente se estão a borripar para a opinião alheia são confiantes. Uma vez trabalhei com um miúdo que tinha vinte e um, ou vinte e dois anos. E a criatura embora muito nova, de vez em quando dizia coisas que me deixavam a pensar. Eu defendo que nós aprendemos com toda a gente. A minha sobrinha de cinco anos (quase seis), vá já me disse coisas que me fizeram debruçar sobre certos temas da vida. Não é só o meu grupo de amigas, entre os sessenta e setenta anos, onde posso beber da sua experiência. E se me permitirem a lamechice, esta é das melhores partes de estar vivo. Aprender é constante, e a informação pode vir de toda a gente, e de qualquer lugar. Mas voltando ao miúdo, o Daniel. Falávamos de amor próprio e ele disse-me: " Não te enganes, há muita gente que diz que se coloca em primeiro lugar e só conhece o amor próprio em teoria. Dizeres que primeiro estás tu, e depois estão os outros nem sempre significa amor próprio. Muitas vezes é egoísmo,

ou uma forma de te convenceres a ti mesmo daquilo que não tens." E então, se misturarmos estes dois assuntos vamos ter um sem fim de pessoas que lutam para demonstrar ao mundo de que estão no topo da montanha, só porque fazem o que lhes apetece. Pessoas que dizem que gostam de ir com tudo, mas que as manhãs são difíceis porque viver como se quer implica sentir-se muitas vezes sozinho. E é mesmo aí que a opinião dos outros importa. Uma vez ou duas todos aguentam ouvir críticas, ou a desaprovação de quem se ama, mas e suportar tudo isso vezes sem conta é possível? Afinal a opinião dos outros ajuda um bocadinho a nos sentirmos mais amados e suportáveis como seres humanos. Quem tem atitude tem direito a críticas, assim como quem não tem atitude também é criticado. No final, há que ter atitude, no entanto, há que saber dosear as críticas. Há que viver e perdoar. Não só os outros, mas também a nós próprios. Pelas vezes em que agimos sem querer saber do que os outros iam pensar, e também perdoarmo-nos pelas vezes em que evitámos ser felizes com medo da opinião dos outros. Dá que pensar e há que meter tudo na balança antes que seja tarde demais. E se querem saber?! Esqueçam esta coisa de pesar na balança, neste caso esqueçam até a balança. É a vossa vida, para medir e pesar estas coisas, por favor, usem o coração.





PARQ

follow us

www.facebook.com/parqmag

www.parqmag.com

www.instagram.com/parqmag/